http://dx.doi.org/10.12804/issne.2382-3135_10336.18673_teur

tendencia editorial UR

Editorial Universidad del Rosario
Bogotá, Colombia • 2018
Nº 14
ISSN 2382-3135

EDITORIAL

AL ENCUENTRO CON

Da comunicação científica à divulgação
Palmira Moriconi Valerio
Lena Vania Ribeiro Pinheiro

ACTUALIDAD

Plurilingüismo – Multilingüismo. Sobre el Coloquio Internacional "Construir modelos multilingües/ plurilingües para la producción, difusión y enseñanza de los conocimientos"
Claudia Luque

ESPECIAL

La lengua como transmisor del conocimiento en la investigación científica y universitaria. La transversalidad de las lenguas en la universidad
Silvana M. Garófalo

A leitura na universidade: um diálogo com Platão
Ewerton Rezer Gindri

Reflexión sobre la diversidad lingüística en un mismo contexto situacional y su incidencia en el fracaso escolar
María del Carmen Ayora

Universidad del Rosario
Editorial

EDICIÓN ESPECIAL FIL GUADALAJARA
NOVIEMBRE-DICIEMBRE DE 2018

EDITORIAL UNIVERSIDAD DEL ROSARIO

Dirección: Cra.7 # 12 B-41, oficina 501
Teléfono: (57-1) 2970200, ext. 3114
http://editorial.urosario.edu.co

COMITÉ EDITORIAL DE ESTA EDICIÓN

UNIVERSIDAD DEL ROSARIO
Juan Felipe Córdoba Restrepo

UNIVERSIDAD DE GUADALAJARA
Sayri Karp

UNIVERSIDAD VERACRUZANA
Édgar Valencia

PONTIFICIA UNIVERSIDAD JAVERIANA
Nicolás Morales

EDITORA
Claudia Luque Molano

CORRECCIÓN DE ESTILO
Ella Suárez

DISEÑO, DIAGRAMACIÓN E ILUSTRACIÓN
Miguel Gerardo Ramírez Leal
Kilka Diseño Gráfico

editoriales afiliadas a:

ASOCIACION DE EDITORIALES UNIVERSITARIAS DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE

EDITORIAL

Ciencia y conciencia,

por una etnografía colaborativa

La edición especial FIL Guadalajara de nuestro Boletín Tendencia Editorial está dedicado a reflexionar sobre cómo compartir conocimiento desde la Universidad, y de cómo la lengua puede ser una herramienta que ayude en el reto que enfrentan los investigadores e instituciones para dar visibilidad a los procesos de investigación académica y no una barrera que limita las posibilidades de hacer una verdadera reflexión global. Por eso es parte de la invitación hacia la formación de políticas lingüísticas por encima de las ilusiones políticas.

Abrimos con Palmira Moriconi Valerio & Lena Vania Ribeiro Pinheiro con su artículo dedicado a "Da comunicação científica à divulgação".

En el especial "La lengua como transmisor del conocimiento en la investigación científica y universitaria" contamos con Silvana M. Garófalo, de la Universidad Nacional de Quilmes, Argentina y su artículo: "la lengua como transmisor del conocimiento en la investigación científica y universitaria. La transversalidad de las lenguas en la universidad".

Ewerton Rezer Gindri de la Universidad del Estado de Mato Grosso UNEMAT (Brasil) nos comparte su reflexión "A leitura na universidade: um diálogo com Platão" y finaliza este especial, María del Carmen Ayora Esteban, de la Universidad de Granada, España con su texto: "reflexión sobre la diversidad lingüística en un mismo contexto situacional y su incidencia en el fracaso escolar".

La sección de actualidad va dedicada al Coloquio Internacional "Construir modelos multilingües/plurilingües para la producción, difusión y enseñanza de los conocimientos" celebrado el pasado 26 de septiembre en la Universidad del Rosario, Colombia.

Cerramos nuestro número con el anuncio de Colombia como invitado de honor a la Feria Internacional del libro universitario del 5 al 14 de abril de 2019 y organizada por la Universidad Veracruzana de México.

Da comunicação científica à divulgação

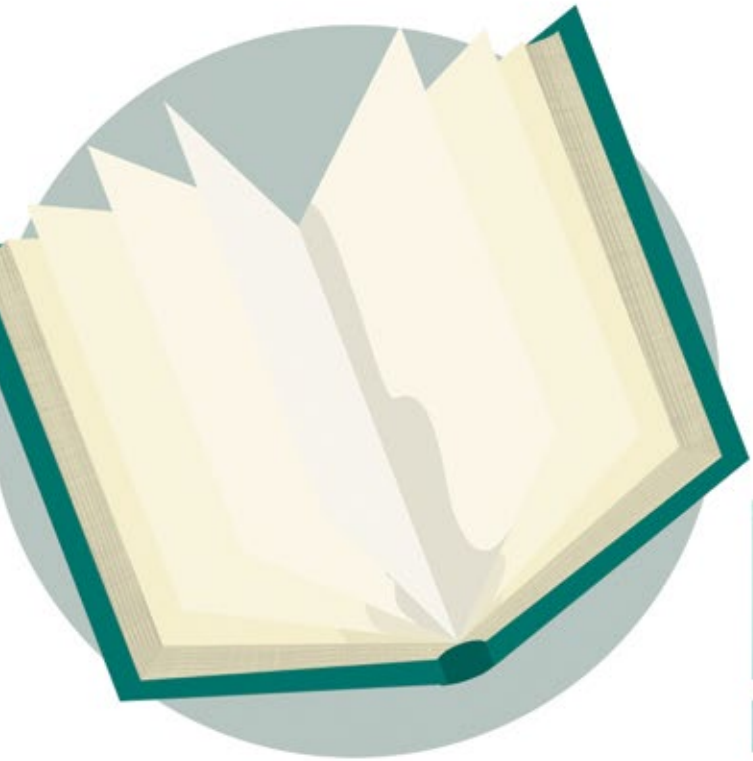
From Scientific Communication to Popularization[1*2]

Palmira Moriconi Valerio
Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Praia do Flamengo, 200, 9º andar, 22210-020, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: P.M. VALERIO. E-mail: moriconi@finep.gov.br

Lena Vania Ribeiro Pinheiro
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rua Lauro Muller, 455, 5ºandar, Botafogo, 22290-160, Rio de Janeiro em 21/6/2007 e aceito para publicação em 5/3/2008.

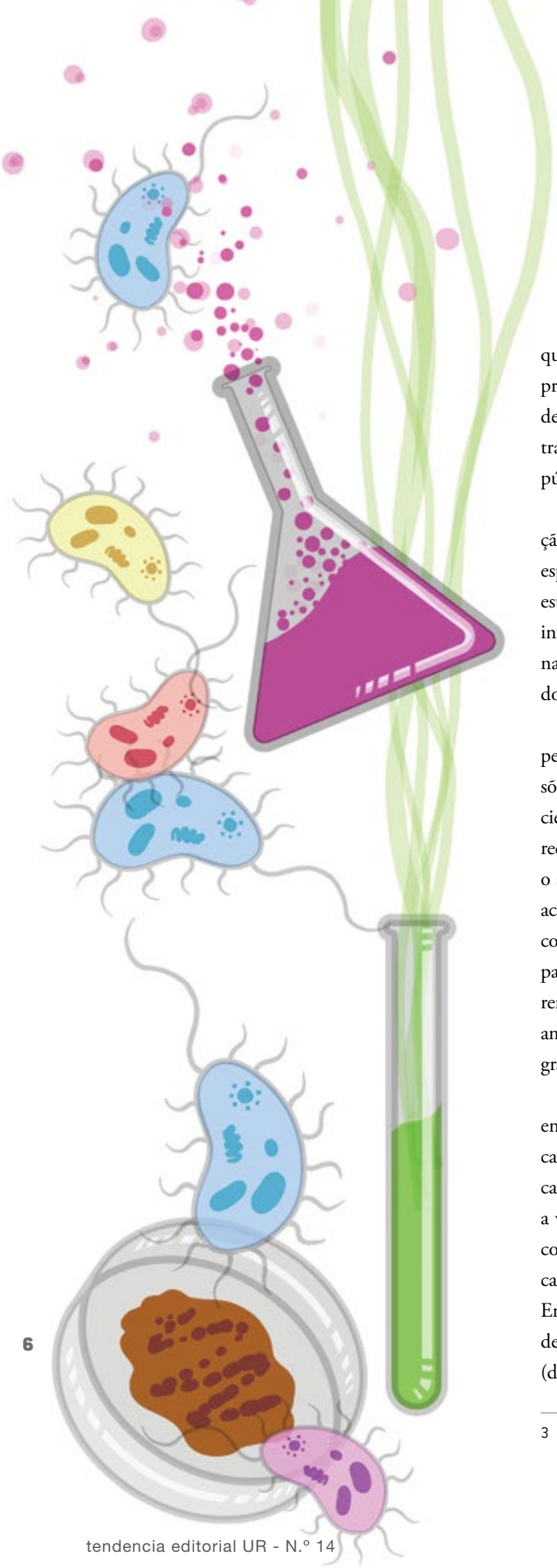
1 * Este artigo se reproduz com a autorização dos autores. A primeira e completa versão foi publicada em *TransInformação*, vol. 20, n.º 2, 2008, pp. 159-169, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862008000200004

2 Artigo proveniente de parte da tese: VALERIO, P.M. Periódicos científicos eletrônicos: possível aproximação de públicos e novas perspectivas de comunicação e divulgação para a ciência. Rio de Janeiro, 2005. 21 0f. Tese (Doutorado) Instituto Brasileiro de Informação em ciência e Tecnologia (IBICT), convênio com a Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2005.



Novas descobertas e invenções revolucionaram, em todas as épocas, os padrões de comportamento e o aceso ao conhecimento nas sociedades. A imprensa, por exemplo, provocou mudanças radicais na cultura, permitindo que o conhecimento, cativo de sábios e eruditos, chegasse a um público mais amplo. A Revolução Industrial, igualmente, representou um conjunto significativo de novas formas de agir, marcando a evolução dos mercados e o desenvolvimento da ciência e da técnica. A chegada do século XX foi acompanhada de impulso sem precedente no conhecimento e no desenvolvimento tecnológico, em um cenário de grandes guerras que definiu o desenvolvimento de indústrias, a ampliação do mercado e consumo de novos produtos, de bens materiais e culturais, tangíveis e intangíveis, imprimindo novos comportamentos na sociedade.

A ciência ganhou mais espaço e com ela a produção do conhecimento, refletida no crescimento da literatura e desenvolvimento de técnicas e especializações de áreas. A necessidade de organizar o acesso e a oferta de informação se faz presente propiciando o surgimento de nova área do conhecimento, a qual passa a preocupar-se com o fenômeno conhecido como *explosão de informação*, na expressão cunhada por Bush (1945), coordenador de um trabalho de seis mil cientistas americanos na Segunda Guerra Mundial, no esforço de aplicação da ciência nas atividades da guerra.



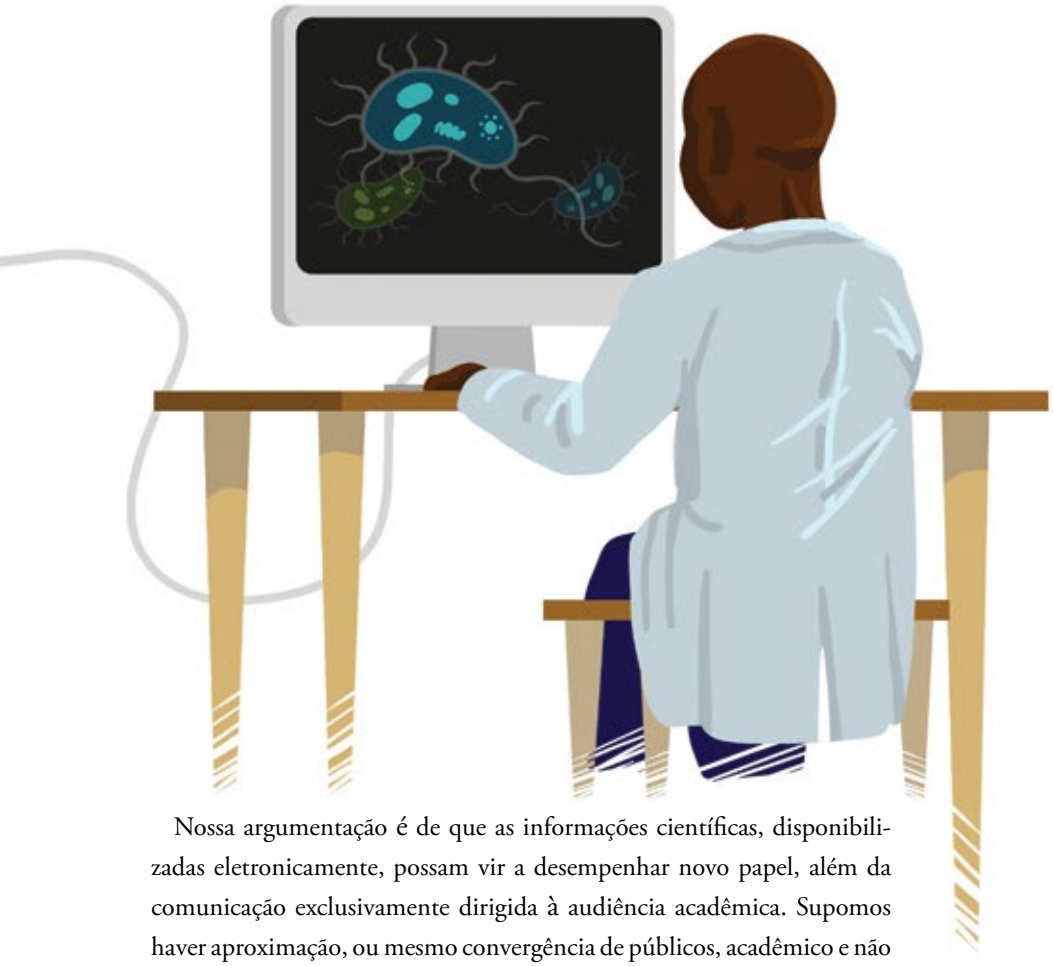
Instituição circunscrita ao espaço de produtores, disseminadores e daqueles que usufruem os resultados da pesquisa científica, a ciência é surpreendida por novos fluxos de informação. A Internet, nova protagonista desse espetáculo, permitiu a milhares de novos usuários da informação trafegar na grande rede a cada instante, ampliando exponencialmente o público em potencial ao acesso da comunicação e da informação.

Novos avanços na ciência e tecnologia brindamos com a comunicação eletrônica que, por sua vez, avança para conexões em redes, ligando espaços virtuais infinitos, aproximando territórios e indivíduos. Práticas estabelecidas são alteradas e esse novo meio de comunicação em rede invade o cotidiano das pessoas, provocando diferentes estilos de relacionamento, impulsionando expressivamente, como conseqüência, a espiral dos saberes.

O conhecimento incorporado pela literatura científica, por meio dos periódicos científicos, é também disponibilizado nas redes eletrônicas. Versões eletrônicas dos periódicos científicos impressos, bem como periódicos científicos exclusivamente eletrônicos, são cada vez mais comuns na grande rede, cópias fiéis, espelhos ou não, do formato em papel, proporcionando o aumento da visibilidade da ciência e ampliando a audiência. O mundo acadêmico e o conhecimento científico legitimado pelo sistema formal de comunicação da ciência, cuja expressão máxima é o periódico científico, passam a conviver com uma forma de comunicação e informação diferente que extrapola o convencional, rompendo fronteiras "re-conhecidas", ampliando a audiência da alçada da divulgação científica,[3] fazendo uma grande interseção com públicos não especializados.

A interação da divulgação científica com a comunicação foi apontada em artigo de Pinheiro, referente à pesquisa sobre o processo de comunicação científica de comunidades científicas brasileiras em redes eletrônicas, da qual as autoras participaram. Especificamente, a pesquisa visou a verificar a função e a importância dos diversos recursos eletrônicos na comunicação científica em rede, na sua interdependência e relação com canais de comunicação formais e informais, tradicionais e convencionais. Entre os resultados, foi visto: "Um dos primeiros fenômenos observados, decorrente da Internet, foi a aproximação entre comunicação científica (de cientistas para cientistas) e divulgação científica" (Pinheiro, 2003).

3 O conceito adotado é o de Bueno (1985): divulgação científico é a comunicação de informações científicas para o público não especializado, fazendo uso da recodificação da linguagem e tornando os termos accessíveis ao entendimento comum.



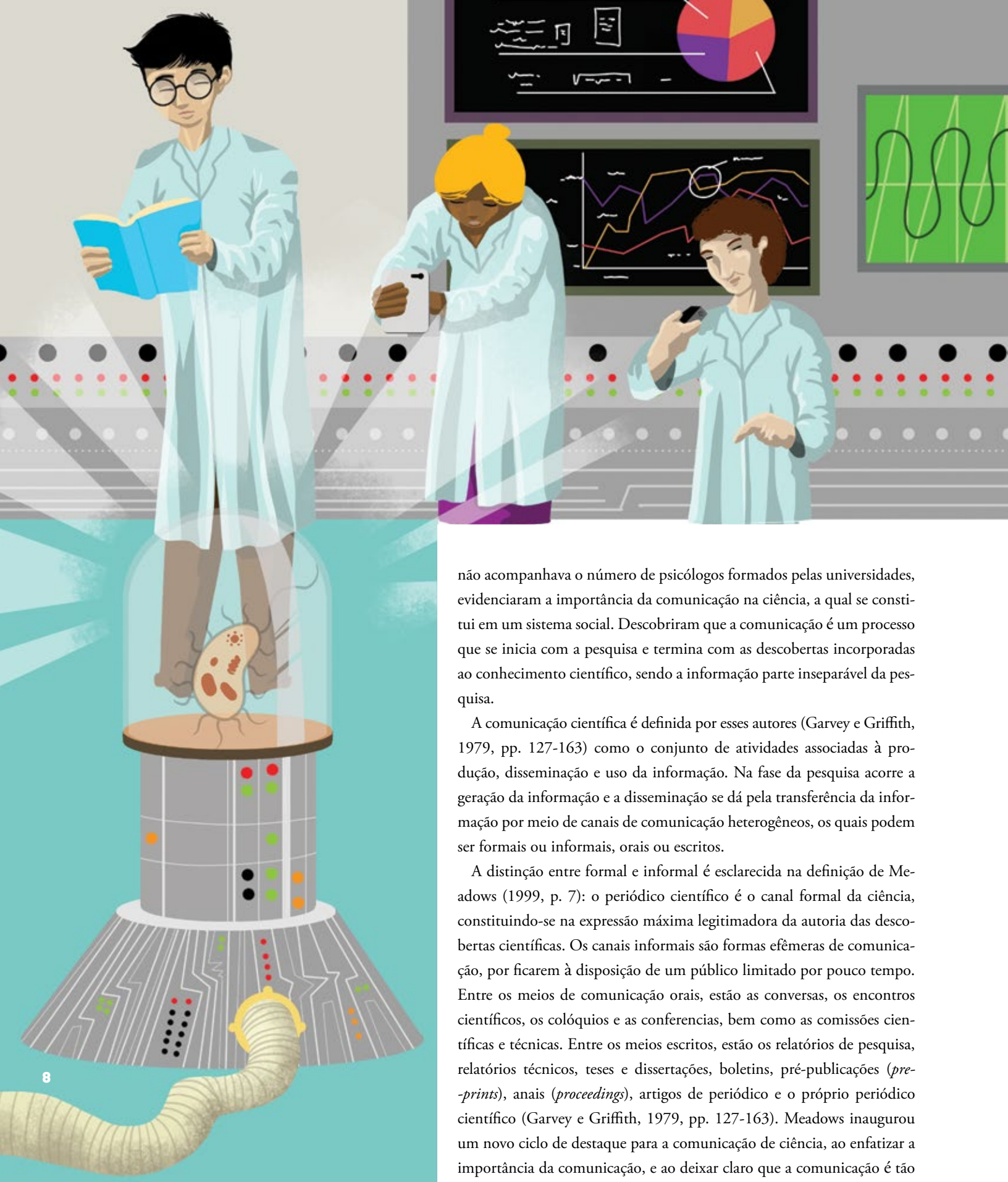
Nossa argumentação é de que as informações científicas, disponibilizadas eletronicamente, possam vir a desempenhar novo papel, além da comunicação exclusivamente dirigida à audiência acadêmica. Supomos haver aproximação, ou mesmo convergência de públicos, acadêmico e não acadêmico, em relação à literatura científica publicada eletronicamente, quer seja em *sites* ou periódicos científicos eletrônicos, conformando uma nova composição de audiência para a ciência. Essa aproximação ou convergência de públicos — como nos parece adequado denominar, graças às redes eletrônicas, permite, por outro lado, maior visibilidade e reconhecimento da importância da ciência, favorecendo a conscientização da sociedade em relação à maior participação na formulação de políticas públicas de ciência e tecnologia para o desenvolvimento.

Comunicação científica

Ao examinarmos a possível aproximação ou ampliação de audiência do principal veículo de comunicação de ciência, a partir das novas tecnologias de rede eletrônica, passamos a destacar os principais autores e questões relativas, primeiramente, à comunicação e, posteriormente, à divulgação de ciência.

Para tanto, devemos esclarecer primeiramente que, enquanto a comunicação científica é a forma de estabelecer o diálogo como o público da comunidade científica – comunicação entre os pares -, a divulgação científica visa à comunicação para o público diversificado, fora da comunidade científica.

Garvey e Griffith (1979), ao observarem que o crescimento da literatura nos arquivos de periódicos, da área de Psicologia científica americana,



não acompanhava o número de psicólogos formados pelas universidades, evidenciaram a importância da comunicação na ciência, a qual se constitui em um sistema social. Descobriram que a comunicação é um processo que se inicia com a pesquisa e termina com as descobertas incorporadas ao conhecimento científico, sendo a informação parte inseparável da pesquisa.

A comunicação científica é definida por esses autores (Garvey e Griffith, 1979, pp. 127-163) como o conjunto de atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação. Na fase da pesquisa acorre a geração da informação e a disseminação se dá pela transferência da informação por meio de canais de comunicação heterogêneos, os quais podem ser formais ou informais, orais ou escritos.

A distinção entre formal e informal é esclarecida na definição de Meadows (1999, p. 7): o periódico científico é o canal formal da ciência, constituindo-se na expressão máxima legitimadora da autoria das descobertas científicas. Os canais informais são formas efêmeras de comunicação, por ficarem à disposição de um público limitado por pouco tempo. Entre os meios de comunicação orais, estão as conversas, os encontros científicos, os colóquios e as conferencias, bem como as comissões científicas e técnicas. Entre os meios escritos, estão os relatórios de pesquisa, relatórios técnicos, teses e dissertações, boletins, pré-publicações (*pre-prints*), anais (*proceedings*), artigos de periódico e o próprio periódico científico (Garvey e Griffith, 1979, pp. 127-163). Meadows inaugurou um novo ciclo de destaque para a comunicação de ciência, ao enfatizar a importância da comunicação, e ao deixar claro que a comunicação é tão vital quanto a própria pesquisa.

Em um outro sentido, temos que o internacionalismo é próprio da natureza da ciência, a qual busca alcançar público mais amplo possível, a fim de atingir o seu objetivo de difundir o conhecimento (Ziman, 1979).

Na obra intitulada *Public Knowledge: The Social Dimension of Science,* publicada, em sua primeira edição, em 1968, John Ziman (1979) dedica-se a estudar e a escrever o processo interno de relações sociais da ciência, tornando-se referência obrigatória para a ciência da informação e comunicação científica.

Segundo Ziman, "os critérios de prova em ciência são públicos e não privados e [...] o interesse dos cientistas está voltado para a criação de um consenso" (1979, p. 92). O consenso é dado, primeiramente, pela aceitação de uma base lógica da teoria, ou seja, a teoria é passível de aceitação pública porque é sólida e sem contradições; em segundo lugar, pela concepção e aceitação do método científico que permite comprovação por meio da possibilidade da repetição do experimento. Essa concordância dá o caráter público da ciência para Ziman: "uma grande descoberta científica não passa a existir, apenas, por forca da autoridade moral ou do talento literário do seu criador, e sim pelo seu reconhecimento e sua apropriação por toda a comunidade científica" (p. 83). O internacionalismo da ciência, de acordo com Ziman — assim como o princípio mertoniano de socialização do conhecimento, no nosso ponto de vista, entretanto, adquire nova dimensão com as redes eletrônicas que surpreendem a todos com novos e infinitos fluxos de informação.

Divulgação científica

Quanto aos princípios que regem a divulgação científica, a literatura indica que as denominações divulgação científica, vulgarização científica e popularização da ciência equivalem-se, e cada expressão é adotada conforme o país e a época em que esta área é estudada (Nelkin, 1995; Schiele, 1988, apud Massarani, 1988, p. 11).

Para Reis e Gonçalves (2000),[4] o interesse do público por assuntos da ciência cresce com a Revolução Industrial, assim como a demanda pelo aumento da escolarização, associado a conhecimentos básicos de ciência. Só no século xx, entretanto, em que o desenvolvimento científico e tecnológico foi significativo, os jornais incluem as novidades da ciência em suas matérias. Por outro lado, o crescimento de cursos universitários que se verificou na segunda metade do século XX propiciou o incremento no quantitativo de jornalistas e bacharéis da comunicação social, faculdade que abrigou o curso de Jornalismo a partir de reforma universitária de 1961. A divulgação científica por seu turno, começa a ocupar espaço por meio da organização de jornalistas e profissionais relacionados a essa área, os quais são movidos pela necessidade de informar às pessoas comuns as novidades nas áreas da ciência e os benefícios das descobertas científicas.

Podemos estender à divulgação científica as funções básicas de jornalismo científico, de acordo com Frota-Pessoa (1988), pesquisador e estudioso dessa área. Segundo o autor, o jornalismo científico cumpre seis funções básicas: informativa, educativa, social, cultural, econômica e político-ideológica (Kreinz, 1998, pp. 21-23, apud Nunes, 2003).

Vale observar que essa área está em franco crescimento e que o público interessado nos assuntos de ciência vem crescendo e ajudando a consolidar nova configuração nas formas de apropriação do conhecimento, o que pode ser constatado pela verdadeira explosão no número de canis de divulgação científica, quer pela promoção de eventos, criação de museus ou espaços para a ciência, ou ainda pela criação de inúmeros boletins e jornais eletrônicos.

Revistas como *Ciência e Cultura e Ciência Hoje*, já tradicionais, e as mais recentes *ComCiência*, *Superinteressante* e, bem mais recente a edição brasileira da *Scientific American*, revelam, no Brasil, o crescente interesse pela ciência por parte de outros públicos que não o da comunidade científica. No exterior, as revistas *Nature* e *Science,* bem como a própria *Scientific American,* desfrutam de confortável prestígio internacional, sendo referencias para revistas de divulgação e de comunicação de ciência na Inglaterra e nos Estados Unidos. A francesa *La Recherche* estende seu prestígio para além de suas fronteiras, tendo leitores tradicionais também no Brasil.

O número crescente de *sites* especializados conectando pessoas e países por meio da web, e as evidencias

4 Série editada por Gloria Kranz e Crodowaldo Pavan, inclui aula de Gonçalves constituída, segundo a autora, por "excertos da vastíssima obra do prof. José Reis" por ela compilados, tanto que são reproduzidos entre aspas.

do aumento do acesso à informação por maior fatia da população mundial, a quantidade de documentos gerados e disponibilizados em rede,[5] o crescente aumento do número de revistas científicas *on-line*[6] observado nos últimos anos, e as iniciativas de acesso livre (*open access*) levam-nos a algumas reflexões relacionadas à comunicação, à divulgação científica e ao acesso à informação e ao conhecimento científico e tecnológico, à participação, nesse sistema, de novos públicos provenientes, ou não, de regiões ou países fora do alcance dos meios formais do sistema de comunicação científica.

A comunicação de ciência e sua popularização parecem-nos entrelaçadas em seus processos comunicacionais, a partir das novas tecnologias de comunicação em rede eletrônica. Nesse sentido, um público ampliado, como características de uma audiência constituída de pessoas interessadas em ciência, fora da comunidade científica, pode-se configurar numa nova composição de público, ou na interseção com a audiência própria da divulgação científica.

Alguns dos pressupostos teóricos e técnicos para a convergência de públicos

Os diferentes significados da construção do debate acadêmico *on-line* que se relacionam com o campo da ciência, tecnologia e sociedade, são focalizados por Hert (1997) para mostrar como as interações científicas são reproduzidas na nova mídia, enquanto, simultaneamente, alguns usuários tiram vantagens das novas possibilidades oferecidas por esse meio.

Não sendo o objeto principal de sua investigação, o autor deixa de lado a questão do público ou de uma nova comunidade latente, e admite que a informação científica possa ser originada e transferida por meio de novos formatos. É também cauteloso quanto à afirmação de que a extensão dessas novas tecnologias possa afetar o conteúdo da informação científica e substituir a mídia tradicional no processo de transformação da informação em conhecimento (Hert, 1997). Porém, no âmbito de nosso foco, toma vulto uma de suas conclusões sobre a existência de uma comunidade científica mais larga, heterogênea, com opiniões divergentes, e que não aparecem no público tradicional da ciência (Hert, 1997).

Em 1916, Paul Otlet, autor do imaginário *Palais Mundaneum,* já falava da natureza transformadora da informação. Otlet acreditava que era preciso preparar a opinião pública, criar nas massas uma atitude mental, um entendimento claro do processo do conhecimento por meio da

5 A International Association for Information and Image Management International (AIIM), associação americana sobre gerenciamiento da documentaçao, prevê que a quantidade de informação duplicará a cada onze horas em 2010.

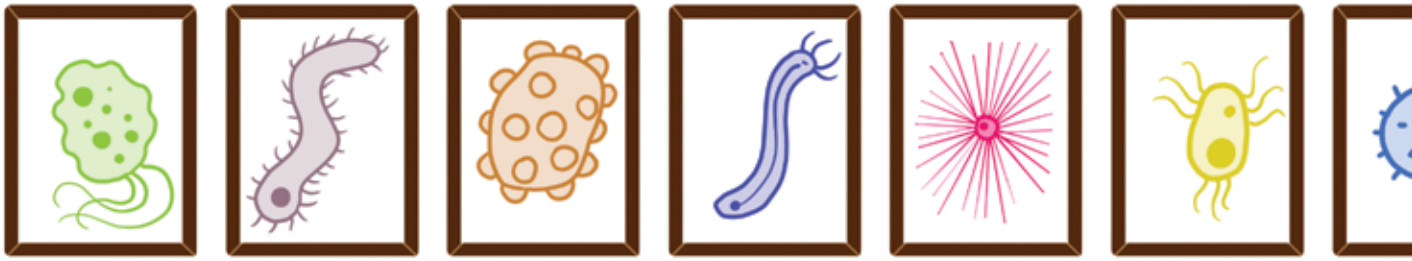
6 O SciELO, por exemplo, em 2003, incorporou 15 novos periódicos eletrônicos no seu banco, tendo rejeitado 24 e submetido à reavaliação mais quatro.

informação (*apud* Rieusset-Lemarié, 1998). Ainda que não seja abordado especificamente o termo divulgação científica na obra de Otlet, depreendemos ser essa sua preocupação ao trabalhar a organização da informação para que o grande público alcance a transcendência para o conhecimento, conhecimento que seria fonte de mudança e transformação social.

Considerando que as tecnologias de informação e comunicação eletrônicas podem proporcionar maior acesso à informação e ao conhecimento não somente a um público especializado, mas também a outro, mais amplo, tomamos por base essas novas tecnologias e o campo fértil oferecido pelas infovias à exploração do ambiente eletrônico, assim como novos modos de exercer a comunicação de ciência, como, por exemplo, a eliminação de determinadas etapas e modificação de algumas práticas consagradas no ofício de editoração dos periódicos científicos. Essas transformações fazem-nos acreditar em uma maior aproximação entre os públicos da comunicação e divulgação científica. Se, de fato, modificações significativas estão em curso, é fato também que existe um campo aberto para o surgimento de novas tecnologias e oportunidades em relação aos meios de comunicação e transferência de informação entre o público acadêmico e o não académico.

No âmbito da comunicação de ciência, a aplicação dessas inovações e as oportunidades que com elas se abrem, permitem-nos inferir haver um estreitamento na distância entre aqueles que fazem a ciência e aqueles que a absorvem, ou aqueles que se beneficia, dos produtos desenvolvidos, a partir dos resultados das pesquisas, incorporados em suas vidas. Ou, ainda, na maior interação dos cientistas com o público, público entendido como o conjunto de indivíduos, na sociedade, que percebem os benefícios da ciência e podem demandar por novos conhecimentos e aplicações.

Assim compreendido, abrem-se perspectivas de novos caminhos para explorar as formas de contribuição dos periódicos científicos eletrônicos, no sentido de minorar e/ou eliminar barreiras existentes entre países desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento. A ciência reuniria novas condições para atingir seu caráter universal em sua plenitude, pela contribuição de pesquisas oriundas de régios ou comunidades com baixa perspectiva de participação no *mainstream* e viabilizaria resul-



tados de pesquisas desconhecidas, contribuindo para elevar o nível do conhecimento e das condições de la vida de nações e povos menos privilegiados. A realidade, entretanto, mostra que a assinatura de periódicos eletrônicos é dispendiosa e a alternativa que vem sendo pensada e implementada, que pode recuperar o ideal otletiano, está consubstanciada no movimento para acesso livre (*open access*), já mencionado.[7]

Mudando a cultura: a interatividade possível no meio digital

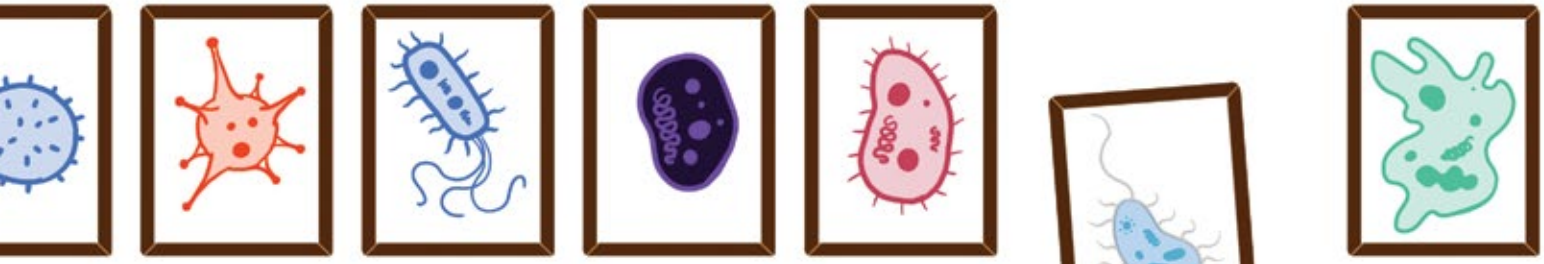
Possíveis mudanças nos modelos dos meios de comunicação na rede são discorridas por Álvarez (2002). Em seu artigo, questiona que, se existem, devem mudar também os papéis entre emissor e receptor, e estabelecer maior participação desses últimos, alterando o atual esquema de transmissão da informação, mas não de comunicação — ressalta ela, a qual pressupõe troca, intercâmbio. A autora advoga que, para a construção de novas propostas nos meios digitais, a interatividade joga um papel fundamental. Álvarez questiona também os papéis das empresas desses meios que não estão interessadas em seguir o que as tecnologias proporcionam para mudar o modelo, e sim reproduzir o que já existe em papel, uma cópia piorada no meio digital. Reportando-se a Jordi Bernat (2002), destaca que a função dos meios que incursionam na rede terá que ser entendida no adequado quadro de evolução e desenvolvimento tecnológico, os quais hoje são muito mais informadores do que propiciadores do processo de comunicação.

Outro aspecto da mudança no meio digital diz respeito à competitividade das idéias. Álvarez (2002, p. 4) situa o novo mundo digital altamente competitivo por idéias e informação, citando Beckett, Gillenwater, Kirby e Olivo: "[...] a competência pela sobrevivência dessas idéias muda em sua natureza: se antes o importante era distribuir o maior número de cópias individuais, agora o objetivo é fazer apenas uma cópia, porém mais acessível e com maior freqüência de uso" (2000, p. 61). A autora alerta para o papel mais ativo do receptor na interatividade com o emissor, reafirmando a troca e o intercâmbio, próprios da ação de comunicação.

Um dos poucos artigos que reflete a comunicação de ciência sob o aspecto sócio-cultural provém de Cetto (2001), da Universidade do México, na Conferência sobre publicações eletrônicas promovida pela UNESCO. Essa pesquisadora sugere novas formas de pensar, a partir dos avanços da tecnologia e suas aplicações, como agentes de mudança da cultura, enfocando as alterações provocadas na cultura material sem rebatimento na cultura imaterial, que seriam os valores e normas na sociedade. Cetto (2001) evidencia que as tecnologias de comunicação não estão necessariamente sendo utilizadas para atender às necessidades de comunicação da ciência e que a relação ciência e sociedade deve ser repensada, já que existe um enorme público fora da comunidade científica e uma nova cultura formando-se pela absorção das tecnologias de rede, a que denomina de *literatos-internet*:

> Fora algumas exceções, a comunidade científica não tem tomado para si estas mudanças no sentido de comunicar-se com as centenas ou milhões de pessoas que dia-a-dia conectam-se na rede e navegam em busca de informação, ou somente para aprender ou entender, descobrir... ou simplesmente distrair-se. (Cetto, 2001, p. 24)

7 Embora as autoras reconheçam as diferenças conceituais e de tradução para *open access* (acesso livre e/ou acesso aberto), neste artigo tal questão não é abordada por não ser seu objeto principal e merecer maiores discussões.



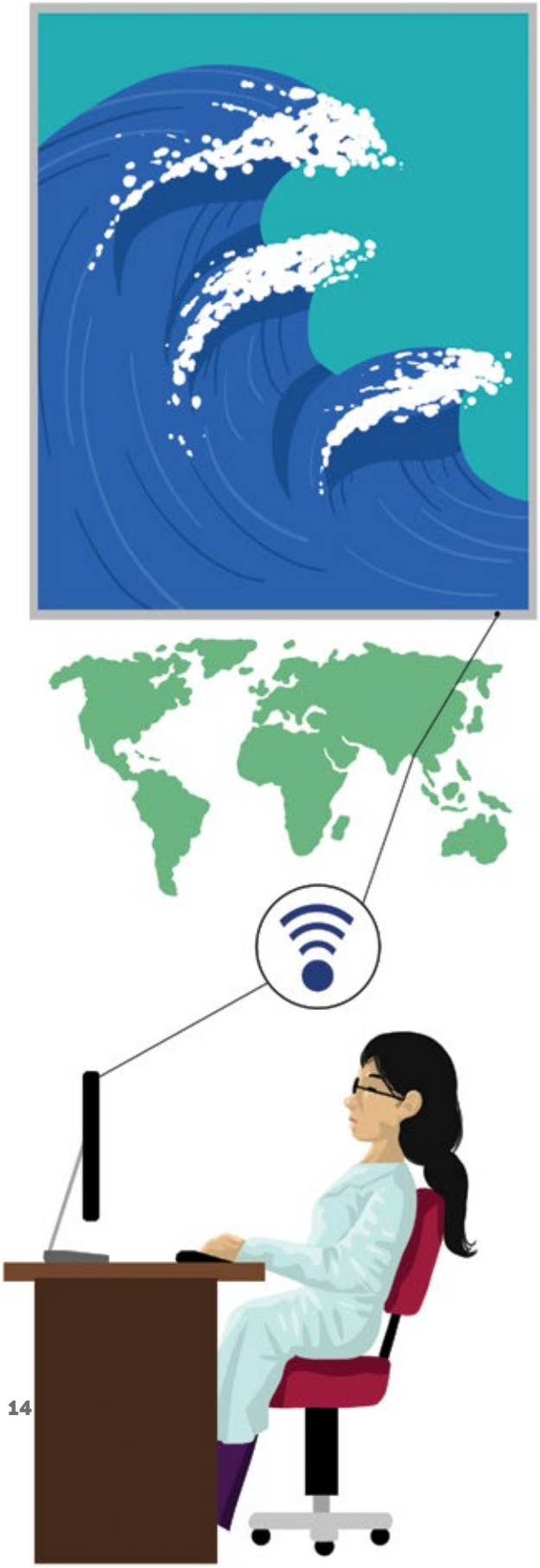
Segundo a autora, inclusive as comunidades médica, biomédica e bio-informática têm sido exceção nessa tarefa, oferecendo mais de 10 mil *sites* nos Estados Unidos, como oferta de um expressivo conjunto de serviços (Cetto, 2001).

Para confirmar sua teoria, a mesma autora faz uma breve pesquisa nas páginas da web dedicadas à ciência em idioma espanhol, usando essas duas palavras como chave e o mecanismo de busca Altavista. Um total de 345 mil páginas foi encontrado — em contraste com 15 milhões de páginas sobre ciência em idioma inglês — a maioria delas hospedadas na Espanha, um pouco em países latino-americanos e Estados Unidos. Dos 100 primeiros itens na lista, somente 29 foram selecionados como periódicos com conteúdo científico, sendo o restante sem esse atributo (Cetto, 2001).

Suas considerações induzem à interpretação de que as ferramentas oferecidas pela tecnologia estão disponíveis para que a comunicação de ciência aconteça para além da comunidade científica, para um público ampliado. Assim sendo, não apenas a cultura material (artefatos tecnológicos) pode ser modificada, mas também a cultura não material, ou cultura, propriamente dita. Em outras palavras, a sociedade dispõe de condições para avanças a repensar valores éticos a partir do conhecimento e da assimilação do avanço da ciência e da tecnologia. As ferramentas estão disponíveis, é só usá-las (Cetto, 2001).

Ainda é Cetto (2001) que argumenta sobre a cultura, sugerindo repensar a questão da popularização da ciência e, de forma mais audaciosa, a amplitude do entendimento de Ziman (1979) em relação à "ciência pública" para além dos muros acadêmicos:

> As novas tecnologias abrem uma verdadeira e valiosa oportunidade para estabelecer diferentes modos de comunicação, não somente com nossos padrões, mas também com outros *stakeholders* nos empreendimentos de ciência. Estes empreendedores da ciência nos convidam a revisar a abordagem, os conceitos e práticas da "popularização de ciência", entendimento de "ciência pública", etc. e redesenhá-los para estabelecer as muitas necessidades de conexões reais — como oposto ao virtual — entre ciência e sociedade. (Cetto, 2001, p. 26)



Comunicação e divulgação científica: públicos convergentes?

Inspiramo-nos na tragédia, originada no teatro grego, para demonstrar como a divulgação científica e a comunicação científica aproximam-se e complementam-se. Especialmente por envolver muitas vítimas, a palavra tragédia chegou à modernidade com o sentido de desastres, de catástrofes, e a mídia explora essas catarses e, assim, vende seus produtos.

A divulgação de fatos de impacto, especialmente sobre sexo, violência e tragédias são as notícias que mais vendem, em detrimento das notícias de ciência e tecnologia, que não passam de 6% na cobertura da imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo (Melo, 1987).

Pelo lado da ciência, a mídia, após a divulgação de determinada tragédia, tem oportunidade de explorar suas causas, divulgando explicações dos especialistas, ao mesmo tempo em que, num movimento complementar, cumpre o papel da comunicação científica como se depreende dos relatos a seguir.

Em artigo publicado na *Nature,* Schweig, Gomberg, Bodin, Patterson e Davis (2001) descrevem a experiência obtida a partir de um abalo sísmico ocorrido em Gujarat, na Índia, que proporcionou o avanço do conhecimento na área de Sismologia e demonstra a aproximação entre as áreas de jornalismo científico e comunicação de ciência por meio da Internet. O estudo mostrou como a lista de discussão regional facilitou respostas comprobatórias à teoria, anteriormente formulada em evento internacional. A rapidez da Internet, mais especificamente, a lista de discussão eletrônica, facilitou a coordenação de uma resposta científica, a comunicação de resultados e a troca de idéias na área, visto que se tem muito a aprender cientificamente em termos de sismologia, geologia e engenharia estrutural, devido às respostas imediatas que se obtêm, depois de ocorrido o fenômeno.

A área de Sismologia parece-nos propícia à demonstração de nossa proposta, conforme visto no estudo anterior e no próximo caso, do *tsunami.* A tragédia, consequência de um maremoto, que provocou a morte de cerca de 300 mil pessoas, na Ásia, nos últimos dias de 2004, põe em evidência, mais uma vez, o que pode ser visto como a aproximação entre a comunicação científica e a divulgação. Primeiramente, pelo impacto da notícia, posteriormente, pela divulgação da informação científica e, por fim, pela importância das comprovações científicas na busca de solução para problemas de ordem pública. Com o título "Tsunami disaster: a failure in Science communication", o editorial de 17 de janeiro da Scidev.net (2005), ao comentar o desastre que provocou a tragédia divulgada ao mundo em poucos instantes, relata como foi possível salvar do afeito *tsunami* inúmeras vidas. O fato ocorreu em uma vila de pescadores em Nallavadu, na costa nordeste da Índia, no estado de Tamil Nadu. Essa

vila, assim como outras, faz parte do projeto da Swaminathan Research Foundation, sento beneficiada por um pequeno centro de telecomunicações ligado à Internet, prestando serviços de prevenção quanto a fenômenos geológicos, evitando situações de perigo. Nesse fatídico dia, o responsável pelo centro de telecomunicações se ausentou para ir a Cingapura, justamente, procurar novos dados sobre recente terremoto ocorrido na Indonésia. Ciente do iminente perigo, ainda fora da vila, mandou a família abandonar o local e avisar a outros habitantes do perigo de inundação pelas ondas gigantes. Imediatamente, a notícia correu e houve tempo para que o centro de telecomunicações desse o alerta para a população que se salvou a tempo. Em função da eficiente articulação da informação, da comunicação científica e da divulgação – enfatiza o editorial – coordenadas na prestação de um serviço público, foram salvas cerca de 500 famílias. Nos outros locais o efeito *tsunami,* ao contrário, causou a tragédia que foi apontada como a maior falha da comunicação científica, dando origem ao título do editorial que também chama a atenção para o papel do cientista na sociedade.

Sobre o impacto da Internet no jornalismo, o editor do *Electronic Journal of Communication* constata, em artigo, que a interação desse meio de comunicação com a tecnologia nunca foi tão dramática quanto à emergência da Internet como um meio de comunicação que se expandiu nos anos 90.

Outros aspectos do jornalismo sofreram impacto com a emergência da Internet, como novos meios de publicação, ferramentas de reportagem e focos para educação do jornalismo. Além disso, a Internet tem provocado novas questões sobre responsabilidades sociais dos jornalistas para informar ao público, assim como a prática do jornalismo ético (King, 1997).

Não devemos ignorar que um número crescente de revistas de divulgação científica existentes no mercado, com respectivos *sites* na Internet, (Macedo-Rouet, 2002),[8] pode ser considerado um indicador do interesse em resultados de pesquisas por leitores fora dos muros acadêmicos, ou público leigo. Esses leitores, ou usuários dessa informação ou conhecimento, interessados em resultados de pesquisas, compõem um segmento de público motivado para informações de ciência, assim definidos e identificados como o público-alvo da divulgação científica.

Vale retomar o estudo de Hernandez Canádas (1987, p. 14) sobre as revistas *Ciência Hoje* e *Ciência e Cultura*, em cuja análise de características a autora ora os identifica como periódico científico, ora como periódico de divulgação científica. Por outro lado, a ausência de precisão quanto ao conceito de revista de divulgação ou de comunicação científica, em geral, e pelos órgãos governamentais, inclusive, também corrobora essa argumentação. De 114 registros de periódicos, entre jornais e revistas de divulgação científica nacionais e estrangeiros, provenientes de levantamento realizado por Ramos (1992) junto à Biblioteca Nacional, cerca de 40 (nacionais e estrangeiros) podem ser classificados tanto como periódicos científicos, quanto como periódicos de divulgação científica.

É interessante observar que, no âmbito da própria comunidade científica, existe a preocupação em aproximar as áreas de comunicação e divulgação científica, como observamos na prática de algumas associações científicas. A International Federation of Scientific Editors[9] tem sido categórica em demonstrar, nos congressos internacionais que promove, a preocupação com a importância da divulgação científica não apenas como fator determinante para popularização da ciência e da tecnologia, mas também como instrumento de legitimação da área e de maior conscientização da população para as questões da ciência. As palestras de sua presidente, Miriam Balabam, e comunicações de membros da comunidade científica são incentivadas nesses encontros. Em âmbito nacional, a Associação Brasileira de Editores Científicos, além da proposta de discutir sua temática principal e buscar soluções para os problemas dos editores científicos, em seus congressos e encontros tem demonstrado preocupação crescente

8 Análise de 41 títulos de revistas de divulgação científica vendidas em bancas no Brasil e em vários países e seus respectivos *sites* (Macedo-Rouet, 2002).

9 IFSE-08. 8º Conferência da International Federation Scientific Editors — Barcelona, ES, 1995; IFSE-10. 10ª Conferência da International Federation Scientific Editors — Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

com a divulgação científica. A intenção de juntar essas discussões vem-se definindo com mais precisão nos encontros da Associação por meio de sessão de *posters* sobre o tema.

As considerações feitas até aqui, assim como as próximas, apontam para a existência de um público internauta curioso por informações de e sobre ciência, que se sobrepõe ao público-alvo da divulgação científica.

Mostafá e Terra (2000) abordam as mudanças ocorridas na comunicação científica e a proximidade da ciência com o público, adotando idéias de Lèvy quanto à abrangência das comunidades virtuais e o poder de comunicação *on-line,* quando as cartas científicas do século 17 transformaram-se nas listas de discussão do século 21, onde tudo se discute (Lèvy, 1993, apud Mostafá e Terra, 2000).

No exterior, a pesquisa conduzida pela Escola de Ciência da Informação da Universidade de Tenessee, por Carol Tenopir e Donald King (2000), sobre aspectos econômicos, contendo dados de uso das revistas científicas, revela, entre outras informações, que cientistas não lêem revistas científicas, dando preferência à rede de comunicação informal entre pares, rede que, atualmente, inclui o correio eletrônico. Esse dado remete-nos à questão de acesso. Segundo informações disponibilizadas por Global Internet Statistics, em 2004 o Brasil, juntamente com outras comunidades de língua portuguesa, representava apenas 3,1% da população mundial conectada à Internet. Em contrapartida, a população de língua inglesa participava com 35,2%.

Estamos falando, entretanto, de aproximadamente 10 anos de tecnologia de redes e uso da Internet, e é natural que os números reflitam, de maneira geral, o nível de desenvolvimento desses países. O mundo virtual, porém, é ilimitado e a tecnologia de redes irreversível, estando em franca evolução o número de conexões da população mundial. Mesmo assim, ainda é prematuro afirmar se o número de conexões *on-line* perpetua ou não o modelo econômico que impõe restrições ao acesso. De acordo como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), de 2002, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2001 eram 12% dos domicílios com computador (IBGE, 2002). Ainda segundo dados da PNAD de 2005, os municípios como microcomputador com acesso à Internet representavam 13,7%, porém, com faixa salarial acima de cinco salários mínimos, o percentual de pessoas que acessam a Internet representa 69,5% (IBGE, 2002).

Uma nova comunidade?

Seja pelas constatações de fatos ocorridos, ou por resultados de pesquisa, podemos afirmar que já se evidenciam algumas alterações nas características e padrões da comunicação científica a partir da comunicação por meio das TICs. Essas modificações reforçam a hipótese aqui apresentada de aproximação entre a comunicação e a divulgação científica, como entendidas neste texto, especialmente na relação com o seu público, considerando, agora, que ele é percebido com novas dimensões, conformando-se ou formando-se em novos contornos, proporcionado pelo alcance das TICs, que permitem percorrer, em fração de segundos, distâncias jamais imaginadas até bem recentemente. Também as TICs são responsáveis pelo considerável aumento do fluxo de informações para novos territórios, em campos de conhecimento diversificados, de múltiplos interesses e de acesso livre.

Dessa forma, configura-se um novo espaço (ciberespaço) com uma grande quantidade de informação de ciência disponibilizada na Internet, gerada pelos produtores de comunicação e de divulgação científica, seja comunicação por correio eletrônico, salas ou grupos de discussão, ou pelos próprios periódicos científicos, "nascidos" no meio virtual, ou mesmo com suas versões eletrônicas. Toda essa informação de acesso livre está à mercê dos sistemas de engenharia de busca da Internet para atender a todos que por ela navegam à procura de informações de ciência. Assim, temos que

o acesso à rede constitui elemento fundamental na formação de novas comunidades virtuais que, associado ao acesso livre a arquivos (*open access archives*), aproximam públicos, formam comunidades constituídas por elementos já pertencentes a alguma comunidade científica, estabelecida ou não. Trata-se de comunidades que agregam membros de comunidade científica, mas também aqueles interessados em ciência, ou curiosos em soluções práticas.

O estudo já mencionado de Hert (1997), sobre a dinâmica social da construção do debate acadêmico *on-line* foi selecionado na literatura, para enfatizar o nosso ponto de vista. Esse autor traz-nos duas contribuições que abordam a construção social da comunicação científica e o conceito de comunidade no processo de transformação da informação em conhecimento público. No estudo sobre a construção social da comunicação científica, Hert sugere como um novo estilo de comunicação pode surgir e ser institucionalizado mediante o uso socializado do meio. Ou ainda, citando Orlikowski e Yates apud Hert, 1997: como um estilo preexistente é reproduzido por meio de uma nova mídia. Na investigação sobre o possível uso da metáfora "comunidade" nas interações eletrônicas, McLaughlin e Smith, também citado por Hert (1997), argumentam que a alta proporção de leitores que não se identificam, ou não enviam mensagens nos grupos de discussão, pode chegar a constituir uma comunidade. Os *lurkers,* assim denominados, seriam uma comunidade amorfa e, possivelmente, efêmera, advertem, trazendo outra ordem de problemas a serem investigados, mas que corroboram a tese aqui apresentada.

À luz desses autores, e sob os aspectos da extensão, importância e envolvimento no debate eletrônico, convergimos nossa opinião com a de Hert (1997), ao evidenciar que o uso do correio eletrônico revelou a existência de uma comunidade científica mais larga, heterogênea, com opiniões divergentes, a qual é difícil de distinguir nas comunicações oficiais e nas conferências, ou em outras formas de comunicação de ciência. Essa comunidade, a nosso ver, é o embrião de uma nova forma de participação que se delineia a partir das TICs, na qual a divulgação e a comunicação científica se entrelaçam no compartilhamento dos mesmos interesses.

Referências

Alvarez, A. C. (2003). Medios de comunicación digitales. *Sala de* Prensa, 5(2). Recuperado de http://www.saladeprensa.org

Bernat, J. (2002). *Comunicación digital: apuntes básicos, asignatura 2* [Materiales del Máster en Comunicación Digital]. Barcelona.

Bueno, W. C. (1985). *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente* (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, Brasil.

Bush, V. (1945). As we may think. *The Atlantic Monthly*.

Cetto, A. M. (2001). *Has it lived up to its promise?* Apresentação em Unesco International Conference on Electronic Publishing in Science. Recuperado de http://eos.wdcb.ru/eps2/eps02002/eps02002.htm

Frota-Pessoa, O. J. R. (1988). O divulgador da ciência. *Ciência e* Cultura, *40*(6).

Garvey, W. D. e Griffith, B. C. Communication, the essence of sciene, Apêndice A, B. Em W. D. Garvey (Ed.), *Communication: the essence of science*. Oxford: Pergamon Press, 1979. Recuperado de http://global-reach.biz/globstats/evol.html

Gonçalves, N. L. (1998). Divulgação científica. Em G. Kreinz y C. Pavan (Orgs.), *A espiral em busca do infinito* (pp. 65-79). São Paulo: Publicações NJR.

Hernandez Canádas, P. L. (1987). *Os periódicos Ciência Hoje e Ciência e Cultura e a divulgação científica no Brasil* (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Hert, P. (1997). Social dynamics of an on-line scholarly debate. *The Information Society: An International Journal, 13*(4), 329-360.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2002). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios -PNAD 2002.* Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/sintesepnad2005.pdf

King, E. (1997). O impacto da Internet no jornalismo. *Electronic Journal of Communication,* 7(2).

Macedo-Rouet, M. (2002). Revistas de divulgação científica – do texto ao hipertexto, em busca do mapa das fontes. Em L. Massarani, I. Moreira e F. Brito (Orgs.), *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil* (pp. 185-202). Rio de Janeiro: Casa da Ciência/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Massarani, L. (1998). *A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20* (dissertação de mestrado). Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasil.

Massarani, L., Moreira, I. e Brito, F. (Orgs.), *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ.

Meadows. A. J. (1999). *A comunicação científica.* Brasília: Briquet de Lemos Livros.

Melo, J. M. (1987). Informação científica na imprensa brasileira: origem, fonte e autoria. *Ciência da Informação,* 16(1), 13-19.

Mostafá, S. e Terra, M. (2000). Das cartas iluministas às listas de discussão. *DataGramaZero, 1*(3). Recuperado de http://www.dgz.org.br

Nelkin, D. (1995). *Selling science: how the press covers science and technology*. New York: W. H. Freeman and Company.

Nunes, O. (2003). Divulgação científica e suas funções básicas. *Revista Espiral, 4*(16). Recuperado de http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espiral/placa16.htm

Pinheiro, L. V. R. (2003). Comunidades científicas e infra-estructura tecnológica no Brasil para uso de recursos eletrônicos de comunicação e informação na pesquisa. *Ciência da Informação, 32*(3), 62-73.

Ramos, M. G. (1992). *Divulgação de informa*ção em energia nuclear: ideologia, discurso e linguagem (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Reis, J. e Gonçalves, N. L. (1999). Divulgação científica e o ensino. Em G. Kreinz e C. Pavan (Orgs.), *Idealistas isolados* (pp. 47-66). São Paulo: Publicações NJR.

Reis, J. e Gonçalves, N. L. (2000). Veículos de divulgação científica. Em G. Kreinz e C. Pavan (Orgs.), *Os donos da paisagem* (pp. 7-69). São Paulo: Publicações NJR.

Rieusset-Lemarié, P. (1997). Otlet´s mundaneum and the international perspective in the history of documentation and information science. *Journal of the American Society for Information Science, 48*(4). https://doi.org/10.1002/(SICI)-1097-4571(199704)48:4<301::AID-ASI3>3.0.CO;2-#

Schweig, E. S., Gomberg, J., Bodin, P., Patterson, G. e Davis, S. (2001). The internet: shaking up scientific communication. *Nature Web Matters.* Recuperado de http://www.nature.com/nature/webmatters/equake

Scidev.net. (2005, 17 de janeiro). *Tsunami disaster: a failure in science communication* [editorial]. Recuperado de http://www.scidev.net/Editorials/index.cfm?fuseaction=readEditorials&itemid=143&language=1

Santos, B. S. (1978). Da sociologia da ciência à política científica. *Revista Critica de Ciências Sociais,* (1). Recuperado de http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/001/001_1.php

Souza, J. B. (1985). *Teatro grego: tragédia & comédia*. Petropólis: Vozes.

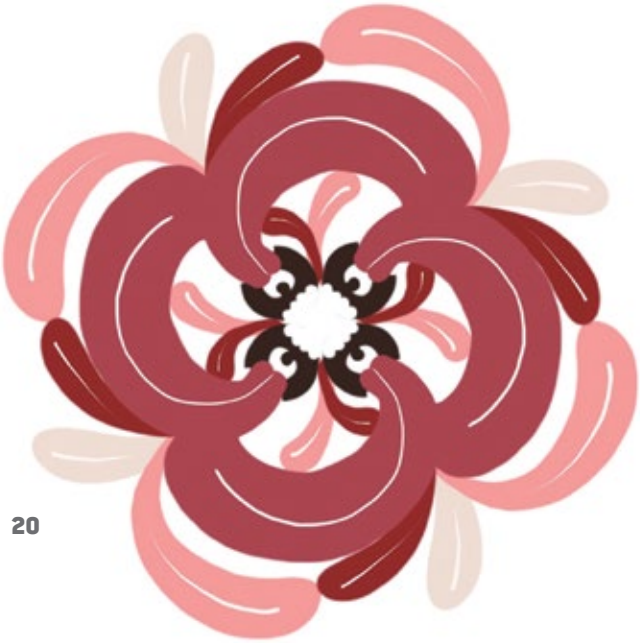
Tenopir, C. e King, D. (2000). *O uso e o valor dos periódicos científicos*. Apresentação em International Conference of Science Editors, Rio de Janeiro.

Ziman, J. M. (1979). *Conhecimento público.* Belo Horizonte: Itatiaia.

Plurilingüismo – Multilingüismo

Sobre El Coloquio Internacional "Construir modelos multilingües/plurilingües para la producción, difusión y enseñanza de los conocimientos"

Claudia Luque
Comunicadora social de la Universidad de la Sabana. Coordinadora de publicaciones periódicas de la Editorial Universidad del Rosario



El Coloquio Internacional "Construir modelos multilingües/plurilingües para la producción, difusión y enseñanza de los conocimientos" estuvo dirigido a los investigadores así como a los responsables de las ediciones y revistas científicas, abarcó temas como la economía sustentable de las colaboraciones científicas internacionales, las funciones estratégicas de las revistas y de las ediciones universitarias en el mercado local y global, la calidad de expresión de los conocimientos en lenguas extranjeras, los efectos comparativos a medio y a largo plazo del monolingüismo y del plurilingüismo.

Universidad del Rosario

AGENCE UNIVERSITAIRE DE LA FRANCOPHONIE

Coloquio internacional

"Construir modelos multilingües/plurilingües para la producción, difusión y enseñanza de los conocimientos"

MIÉRCOLES 26 DE SEPTIEMBRE

Universidad del Rosario
Auditorio Jockey Club
(carrera 6 No. 15-18)
Bogotá, Colombia

Conferencista:

10:30 A.M.

LUZ MERY ORREGO

(Universidad de Antioquia)

Presentación:

Retos en la edición de una revista plurilingüe: la experiencia de la revista Íkala de Lenguaje y Cultura

Luz Mery Orrego posee el diploma de Master 2 Recherche en Didactique des Langues et Cultures de la Universidad Jean-Monnet de Saint-Étienne y Magíster en Didáctica del Francés Lengua Extranjera de la Universidad del Rosario. Es la Directora/Editora de la Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura, de la Escuela de Idiomas de la Universidad de Antioquia y se desempeña como profesora de Francés Lengua Extranjera y asesora de las prácticas académicas y de los proyectos de investigación-acción en el programa Licenciatura en Lenguas Extranjeras. Es miembro del grupo de investigación Cultura, Identidad y Formación en Lenguas adscrito a la misma institución

Resumen de la Presentación:

La filosofía detrás de las publicaciones en acceso abierto propende por una democratización del conocimiento y el avance científico. En contraposición, con la declaración del inglés como *lingua franca,* presentamos el caso de una revista colombiana surgida como revista plurilingüe de la Escuela de Idiomas de la Universidad de Antioquia. Luego de dos décadas de publicación, la revista sigue dando cabida a múltiples voces en lenguas diversas, aunque privilegiando el español, inglés y francés. Mantener el plurilingüismo de la revista nos ha planteado necesidades, como la traducción de artículos hacia el español y hacia el inglés —y se ha planteado incluso la difusión en lengua francesa—, y la divulgación y posicionamiento de las versiones traducidas. También nos ha enfrentado a retos, como las diferencias culturales en las academias, africana, asiática, europea, por citar algunas, la idiosincrasia de evaluadores, la importancia de su selección cuando se trata de artículos que vienen de contextos ajenos al nuestro, y las nociones de ética de investigación entre autores de diferentes latitudes. Aun con la hegemonía de pautas dictadas por países anglófonos, hay especificidades regionales, dictadas por la cultura que hemos debido aprender a conciliar para mantenernos a flote en este nuevo orden mundial.

Traducción simultánea

Mayor información:coloquio@urosario.edu.co - http://www.urosario.edu.co/Coloquio-Internacional/inicio/

editorial_ur | @EditorialUR | @EditorialUR

Diagramación: Luisa Cruz y Diego A Garzon-Forero

Diagramación: Luisa Cruz y Diego A Garzon-Forero

Sus principales objetivos fueron:

- Debatir alrededor de la lengua, en particular la lengua de la ciencia
- Analizar lengua, cultura y diversidad de pensamiento
- Revisar ciencia, transmisión y desarrollo
- Propiciar el trabajo en red, con el concurso de las diferentes lenguas

Como responsable del cierre del Coloquio quiero compartir con ustedes las principales conclusiones y retos:

- La lengua sirve para estructurar el conocimiento con base en el contexto.

Diagramación: Luisa Cruz y Diego A Garzon-Forero

- Es esencial el trabajo en redes para hacer del conocimiento un proyecto colaborativo y no monolítico.
- Se debe buscar un diálogo entre las diferencias, que existan mecanismos que hagan posible la verdadera comunicación que no coarte el proceso de la investigación.
- La diferenciación entre la función constitutiva y vehicular de la ciencia no son barreras infranqueables y por el contrario, deben ser parte del proceso con naturalidad, no se trata de forzar sino que el aprendizaje de cómo transmitir la ciencia sea esencial desde que se gestan las iniciativas.

Universidad del Rosario

AGENCE UNIVERSITAIRE DE LA FRANCOPHONIE

Coloquio internacional

"Construir modelos multilingües/plurilingües para la producción, difusión y enseñanza de los conocimientos"

MIÉRCOLES 26 DE SEPTIEMBRE

Universidad del Rosario
Auditorio Jockey Club
(carrera 6 No. 15-16)
Bogotá, Colombia

Conferencista:

2:00 P.M.

LAURENT GAJO

(Université de Genève)

Presentación:

Construire, évaluer et diffuser des savoirs scientifiques : what balance between English as a Lingua Franca and multilingualism ?

Professor of linguistics at the University of Geneva, where he is the Head of the École de Langue et de Civilisation Françaises (ELCF). He is a specialist of bilingual education, language policy, multilingualism in education and multilingualism in science. Between 2008-2013, he directed the Geneva/Lausanne team of the European project DYLAN (*Language Dynamics and Management of Diversity*, integrated project FP6 028702) and participated in the final publication *Exploring the Dynamics of Multilingualism* (John Benjamins). He also co-edited a special issue of the journal « Synergies Europe » on *Français et plurilinguisme dans la science*. More recently, he has carried out a research on the role of multilingualism in the assessment of science (*Les pratiques d'évaluation des projets de recherche à l'épreuve de la diversité des langues,* dir. Laurent Gajo and Frédéric Darbellay, grant of the Swiss National Foundation).

Resumen de la Presentación:

Les activités scientifiques sont largement ancrées dans des pratiques linguistiques (*languaging*). Par ailleurs, la validité des savoirs scientifiques suppose leur circulation et leur confrontation à travers plusieurs cultures et dans plusieurs langues (*translanguaging*). Dans cette perspective, recourir à une lingua franca – ou lingua academica – ne peut pas réaliser de manière satisfaisante toutes les fonctions attendues des pratiques scientifiques.

Dans cet exposé, nous distinguerons deux grandes fonctions de la langue dans la dynamique des savoirs : la fonction véhiculaire (transmission) et la fonction constitutive (conceptualisation). La seconde demande une prise au sérieux de la diversité linguistique, même si elle touche de façon moins importante certaines disciplines (par exemple, les mathématiques et la physique) et intervient moins directement dans certaines pratiques communicatives (par exemple, une communication lors d'un grand congrès international). Nous ajouterons à ces deux fonctions la dimension culturelle, dans la mesure où la *voix* de la science (a) est souvent en lien avec une culture scientifique, (b) entretient la vigueur de la langue générale et (c) doit rendre des comptes à la société qui la finance.

Nous illustrerons notre propos à l'aide de données recueillies lors d'une récente recherche menée en Suisse sur le rôle de la langue et du plurilinguisme dans les pratiques d'évaluation de la recherche scientifique.

Traducción simultánea

Mayor información:coloquio@urosario.edu.co - http://www.urosario.edu.co/Coloquio-Internacional/inicio/

editorial_ur | @EditorialUR | @EditorialUR

Diagramación: Luisa Cruz y Diego A Garzon-Forero

Fotografía: Natalia Pérez y Santiago Aparicio.

- No debe temerse a la anglización, lo que se debe es ampliar las perspectivas de las otras lenguas, demostrar que desde lo local se genera investigación cuya influencia puede trascender las fronteras para combinar esfuerzos que creen una ciencia comunitaria.
- Es esencial conocer para reconocer. Todas las fases del proceso de producción y divulgación deben volverse parte esencial, no un peso muerto. Las buenas ideas se pueden perder si no se saben expresar, pero en ningún caso se trata de amoldar a un solo esquema, menos en las ciencias sociales.
- Los índices internacionales establecen una metodología, que si bien ha ayudado a construir una forma de hacer ciencia, no se debe olvidar la calidad de la investigación, el para qué se hace ciencia.
- La financiación es un aspecto muy controlador en la investigación, sin embargo, se debe estar dispuesto a construir en equipo, apoyarse en otros para obtener resultados que cumplan con esa función social que nos compromete a todos.
- Es tiempo de trascender de la indignación a acciones concretas, donde se refleje la transformación hacia el multilingüismo.

Desde la Editorial de la Universidad del Rosario queremos agradecer a la Agence universitaire de la Francophonie y la Embajada de Francia por apoyar esta iniciativa.

La lengua como transmisora del conocimiento en la investigación científica y universitaria.

La transversalidad de las lenguas en la universidad

Silvana M. Garófalo

Licenciada en Inglés con orientación en Lingüística, Universidad Nacional del Litoral, Argentina. Especialista docente de nivel superior en Educación y tic, Ministerio de Educación. Maestranda en Sociología de la Cultura y Análisis Cultural, idaes-Universidad Nacional de San Martín. Docente de la Universidad Nacional de Quilmes y de la Universidad Nacional de San Martín

Dentro de la vida universitaria, las trayectorias de estudiantes, graduados, docentes e investigadores están atravesadas por el uso de diversas lenguas a lo largo de sus recorridos académicos y profesionales. El estatus de las lenguas[1] en el nivel superior está determinado por su valor instrumental como puerta de acceso a otros saberes y culturas en relación con las disciplinas y los objetos de estudio de interés; por lo tanto, las lenguas adquieren un carácter transversal como saber disciplinar, ya que habitan los distintos espacios de conocimiento e investigación. Esta transversalidad de los idiomas está regulada por los usos y necesidades que se suscitan en la práctica diaria y que cubren un amplio espectro —desde habilidades específicas del lenguaje, pasando por registros técnico-científico disciplinares, géneros discursivos particulares, hasta prácticas académicas y científicas específicas—.

Para ilustrar la dimensión transversal de las lenguas en el ámbito universitario, recurrimos al caso de la Universidad Nacional de Quilmes (UNQ) de Argentina, a partir de datos de dos trabajos llevados a cabo por el Área de Lenguas Extranjeras de la UNQ (Delayel y Garófalo, 2017, 2018). En principio, podemos determinar qué otros idiomas, además de la lengua vehicular, el español rioplatense, son los que atraviesan el espacio institucional. Tanto docentes-investigadores como directivos reconocen que el inglés es la lengua extranjera de mayor demanda, y dependiendo del área disciplinar, le siguen el francés, el portugués, el alemán y el italiano. Este dato se desprende de los porcentajes de bibliografía utilizados en las cátedras y en las prácticas académicas y científicas de los actores encuestados.

Los usos de las lenguas, por su parte, están organizados en términos de *fines específicos* y *fines universitarios*. Estos últimos se relacionan con objetivos o actividades particulares, por ejemplo, la movilidad estudiantil orientada a la internacionalización o a la cooperación universitaria en el ámbito internacional. En UNQ, la División de Relaciones Internacionales desarrolla políticas de internacionalización de la educación superior y alienta y gestiona intercambios de estudiantes a universidades de Latinoamérica y Europa, mediante programas de movilidad, programas de intercambio y cooperación académica y de investigación y, también, programas de cooperación al desarrollo. El proceso de

1 La categoría ***lenguas*** refiere a la lengua vehicular y a otras que circulan en la academia, tanto lenguas extranjeras como lenguas de pueblos originarios.

selección de los candidatos para becas en países no hispanohablantes requiere el dominio del idioma del país receptor, por lo cual, en aquellos casos en los que los candidatos no poseen conocimientos o tienen conocimientos insuficientes en la lengua requerida, la UNQ provee cursos intensivos en la lengua meta. La disponibilidad de dispositivos de capacitación para los postulantes seleccionados, por ende, se basa en políticas de democratización del acceso a las lenguas, ya que la participación en programas de movilidad no queda circunscrita a aquellos candidatos que ya poseen el capital lingüístico requerido en el momento de su postulación.

En cuanto a los fines específicos, podemos identificar las *habilidades comunicativas* en orden de frecuencia de uso: lectura, escritura, escucha y habla. La lectura en lengua extranjera es prioritaria, debido a la falta de disponibilidad de bibliografía actualizada traducida al español principalmente, aunque también esta necesidad aparece durante el relevamiento bibliográfico en la construcción del estado del arte en proyectos de investigación y también en la lectura de ciertos autores en su propia lengua, en especial referentes dentro de una disciplina. Por otro lado, las habilidades discursivas escritas revisten mayor uso que las orales. En cuanto a la escritura, los *abstracts* y los artículos científicos son los más frecuentes; mientras que para la habilidad de escucha el soporte más recurrente es el video. En otro orden, la mayoría de los actores indagados reconocen poseer un desarrollo de *competencias parciales* en los idiomas y un nivel de proficiencia en las lenguas entre básico e intermedio, en líneas generales. Los fines específicos de las lenguas también están determinados por la tipología de géneros discursivos utilizados dentro de las distintas áreas, a saber: *abstracts*, *papers*, manuales, artículos, informes, reseñas, ensayos, libros de texto, biodatas, *datasheets*, conferencias, presentaciones orales, videos tutoriales, documentales y películas.

Asimismo, los usos de las lenguas se expresan en las demandas relevadas de los docentes-investigadores y directivos encuestados. Entre ellas encontramos: la capacitación en lectura comprensiva en lenguas específicas (alemán y francés), la enseñanza de la oralidad en inglés, la enseñanza de inglés técnico, la disponibilidad de dispositivos para la corrección y revisión de *papers*,

reseñas y artículos para publicación, la provisión de dispositivos para la preparación de presentaciones orales, la disponibilidad de soportes de traducción y de comprensión de textos y videos y la implementación de talleres de capacitación para docentes. Estas demandas reflejan las *necesidades,* las *carencias* y los *deseos* (Hutchinson y Waters, 1987, p. 55) en relación con los usos de los idiomas. Cabe destacar que las necesidades superan las cuestiones puramente lingüísticas, ya que incluyen aspectos del ámbito profesional-cultural o *savoir-faire* (Richer, 2008, p. 25) y, en este sentido, la lengua representa mucho más que un código de acceso a nuevos saberes; se constituye en un transmisor o medio cultural para realizar tareas dentro de una esfera de actividad social.

El rol transversal que cumplen las lenguas dentro del ámbito universitario como transmisoras de conocimiento y mediadoras culturales, por un lado, y su potencial desarrollo, por otro, requieren un marco institucional que propicie el trabajo específico dentro del ámbito de la gestión de lenguas, mediante la creación y la implementación de políticas lingüísticas contextualizadas. Por ello, las tareas de relevamiento de necesidades, carencias y deseos, en relación con los idiomas, constituyen una herramienta iniciadora para el desarrollo de políticas académicas en ese sentido. Además, como toda planificación, las políticas respecto a la gestión de lenguas se sustentan sobre marcos de referencia específicos. En el caso de UNQ, se centran en una perspectiva intercultural y plurilingüe y están orientadas hacia la democratización del acceso a las lenguas, con el objetivo de ir más allá de la transmisión del conocimiento y lograr el desarrollo personal y el desenvolvimiento en nuevas esferas y culturas del quehacer académico-científico.

Referencias

Delayel, S. y Garófalo, S. (2017). *Las lenguas extranjeras en Ingeniería en Alimentos e Ingeniería en Automatización y Control de la Universidad Nacional de Quilmes. Relevamiento de necesidades*. Documento procedente de las VII Jornadas Internacionales EICI-UTN, 14 y 15 de septiembre.

Delayel, S. y Garófalo, S. (2018). *La transversalidad de las lenguas extranjeras en la UNQ* [libro de resúmenes]. Buenos Aires: XVI SAEL 2018.

Hutchinson, T. y Waters, A. (1987). *English for specific purposes*. Glasgow: Cambridge University Press.

Richer, J. J. (2008). Le français sur objectifs spécifiques (FOS): une didactique spécialisée? *Synergies Chine* (3), 15-30.

ESPECIAL

A leitura na universidade: um diálogo com Platão

Ewerton Rezer Gindri

Mestre em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, e doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), também pela UNEMAT. É professor de Língua Portuguesa e Literatura, na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso, professor substituto de Produção de Texto e Leitura, na Universidade do Estado de Mato Grosso e membro do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Sociedade (PPGEL/UNEMAT).

e-mail: ewertongindri@gmail.com

Escrevo esse texto ainda sob o efeito da recente leitura que fiz do Fedro, de Platão. Penso estar acompanhando Sócrates pelas margens do Ilisso, ouvindo, ao longe, Bóreas e sua cativa Orítia. Escrevo pensando nesse texto, pois me parece que o tema proposto para esse encontro é, de certa forma, o mesmo discutido pelo célebre ateniense: a língua como transmissor do conhecimento na pesquisa científica e universitária. Irei, então, a partir desse diálogo com a obra de Platão e das contribuições de Jacques Derrida (2005), tentar apontar algumas situações que julgo essenciais para o estudo acadêmico, especialmente na formação inicial.

A obra Fedro foi escrita na forma de diálogo, um diálogo socrático. Nele, Sócrates é convencido a sair da cidade, lugar que não abandona, pois, segundo ele, "regiões e árvores, nada me podem ensinar, somente os homens da capital ensinam [...]" (Platão, p. 4). A maneira pela qual Fedro convence Sócrates a deixar as movimentadas ruas de sua cidade é o interesse que o filósofo nutre por discursos. Fedro se propõe a mostrar a Sócrates o último discurso escrito por Lisias sobre o amor e, como é usual nas obras platônicas, Sócrates é convidado a dar sua opinião, porém, nesse momento, não se limita a falar sobre o amor, ensina também sobre a oratória. A primeira situação que chama a atenção do leitor é o fato de Fedro ter levado Sócrates "para fora".

Perceba-se que Sócrates admite preferir a cidade, pois é com os homens da capital que pode aprender, é com eles e somente no diálogo com eles que sua maiêutica se mostra eficaz. Pode-se dizer que a convivência com o outro, o debate regrado pela razão, mostra-se um pilar para o conhecimento, segundo o procedimento socrático, mas especialmente para o ensino. A primeira fase do chamado método socrático consistia em destruir as certezas de seu interlocutor, através da demonstração da insuficiência das respostas dadas às perguntas de Sócrates. De forma irônica, o filósofo ateniense demostrava o quanto cada um ainda deveria crescer. Essa postura, como se sabe, lhe custou à vida, mas estava em consonância com a ideia expressa na escritura do oráculo de Delfos, pois, ao saber que não se sabe, abre-se lugar para o saber. Se o diálogo era

uma das bases de seu método, se a presença de um debatedor ao qual pudesse questionar lhe era essencial, por que aceitou o convite de Fedro? Por que se deixou levar para fora, para longe? Deixemos que o próprio Sócrates nos responda: "assim como se conduz uma rês faminta mostrando-lhe um ramo ou um fruto, também a mim, se me acenares com um discurso ou um manuscrito, poderás levar-me por toda a Ática ou para qualquer lugar aonde me queiras arrastar" (Platão, p. 4).

A necessidade de buscar os discursos, de ouvi-los é o que move Sócrates, é o que o faz ficar na cidade e agora é o que o leva para fora, discurso e manuscrito são postos em um mesmo nível, ambos são irresistíveis a quem deseja o conhecimento.[1] Esse é o primeiro ponto para o qual chamo a atenção, deve-se chegar ao texto escrito como quem chega a um diálogo. Disposto a questionar, a duvidar a analisar cada termo, cada afirmação, toda a estrutura. Quando Fedro se dispõe a fazer um resumo do discurso de Lisias, Sócrates, sabendo que seu amigo carrega o manuscrito, diz:

> […] mostra-me o que tens na mão esquerda, debaixo do teu manto! Suspeito que seja o próprio discurso. Caso eu tenha acertado, convence-te disto: tu és meu grande amigo, mas, estando o próprio Lísias desse modo presente, estou decidido a não te permitir uma simples repetição do discurso. (Platão, p. 3)

Ao continuar a leitura, é possível perceber que Sócrates não só dialoga com o pensamento de Lísias, mas questiona seu estilo. Interroga sobre a estrutura de seu discurso, quando, por exemplo, critica a não linearidade do mesmo, uma vez que começa o texto já pelo que Sócrates julga ser o fim. A esse respeito, diz:

> Mas acho que convirás nisto: todo o discurso deve ser constituído como um ser vivo e ter um organismo próprio; não deve lhe faltar a cabeça nem os pés, e tanto os órgãos centrais como os externos devem estar dispostos de modo a se ajustarem uns aos outros, e também ao conjunto. (Platão, p. 27)

O segundo ponto a ser ressaltado é que quem lê um texto não apenas dialoga com seu autor sobre a temática tratada, mas também se expõe à estrutura empregada, tem contato com o gênero textual usado, apropriando-se de suas regularidades. Assim como Fedro foi impedido de fazer um resumo do discurso, estudantes devem ser desencorajados a limitar-se a resumos e resenhas de obras, muitas delas encontradas na *Word Wide Web* sem garantia de procedência autoral. Ao mencionar a estrutura do texto, Sócrates mostra-nos que a leitura, encarada como parte da maiêutica, compreende a forma e conteúdo como partes indissociáveis na contração do discurso. Não basta "entender" o que é dito, deve-se buscar um crescimento pessoal a partir desse contato com o discurso, crescimento esse que vem na forma de aprendizagem, encarada como um voltar-se para si, não limitando-se a impor críticas ao discurso alheio, pelo contrário, as críticas ao discurso de outrem visam, antes de tudo, exercitar a mente, como quem toma um remédio, mas antes sente-se impelido a ler as indicações e os efeitos colaterais possíveis.

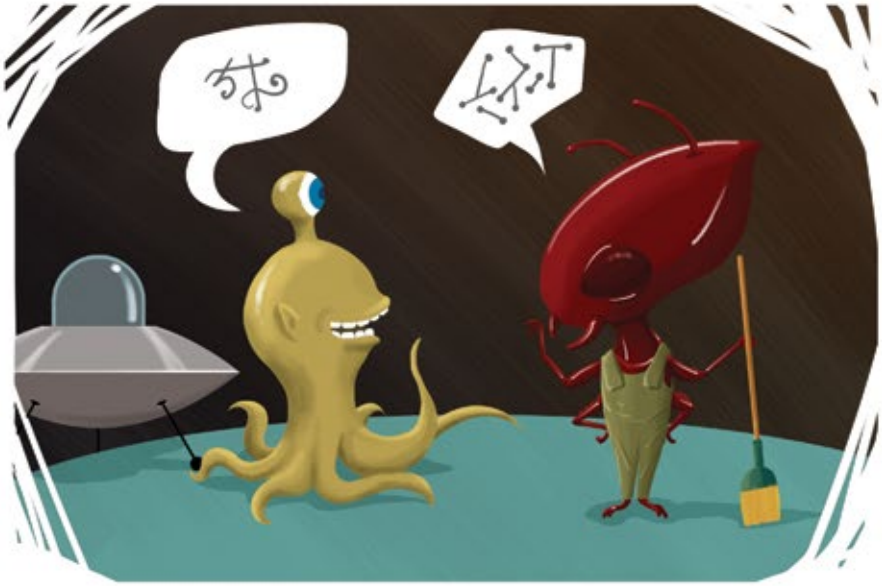
Finalmente, no Fedro, Platão usa a palavra Phármakon para descrever a escrita, especialmente quando Sócrates conta a Fedro o mito de Thoth. Nesse mito, Tamus, o rei de todo o Egito, julgava as invenções, dando-lhes louvores ou advertências. Nesse ritual:

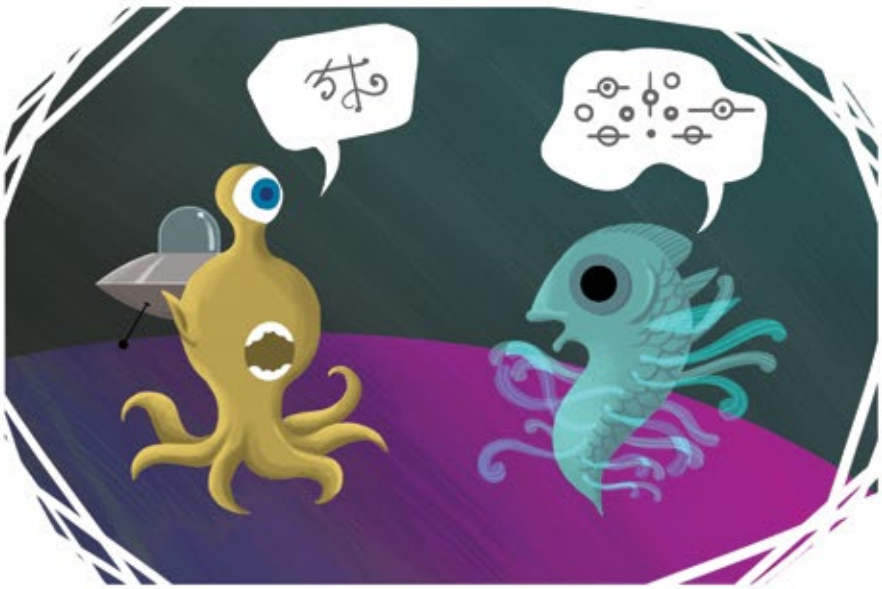
> Quando chegaram à escrita, disse Thoth: "Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria". Responde Tamuz: "Grande artista Thoth!". Não é a mesma coisa inventar uma arte e julgar da utilidade ou prejuízo que advirá aos que a exercerem. Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. (Platão, p. 35)

Derrida (2005) faz uma magistral análise dessa passagem, em seu livro *A farmácia de Platão*. Nessa leitura, Derrida (2005) tenta salientar o caráter polissêmico do termo grego phármakon, o qual poderia significar tanto o remédio, quanto o veneno. Assim, afirma o escritor francês, "a escritura não terá valor em si mesma, a escritura só terá valor se e na medida em que deus-o-rei a estime" (p. 22). Isso por que "o bem (o pai, o sol, o capital) é, pois, a fonte oculta, iluminante e cegante, do logos" (p. 28).

Em uma era tomada pela tecnologia digital, na qual as informações estão à distância de um clic, penso que a advertência de Tamus mostra-se ainda mais viva, mas a leitura derridiana, a polissemia constituinte da escrita, a possibilidade de também

1 Há toda uma discussão sobre a valorização da escrita na filosofia de Sócrates e na obra de Platão a qual não reproduziremos nesse texto, mas admitiremos a perspectiva adotada por Jaques Derrida, em ***A farmácia de Platão***, na qual o valor da escrita não reside em si mesma, mas na capacidade de se chegar ao esclarecimento a partir do jogo que ela suscita.





ser um remédio, deve ser explorada. A leitura, então, na perspectiva que assumimos nesse texto, deve nos levar ao crescimento a partir do diálogo com o texto, tendo ele, nesse sentido, um papel maior do que a simples coleta de dados. Lembremos que "o phármakon socrático também age como um veneno [...] e a picada socrática é pior que aquela das víboras, pois seu rastro invade a alma" (Derrida, 2005, p. 66). Isso significa que o lógos deve comunicar com o leitor de forma profunda, marcar seu espírito e isso não ocorre em leituras rápidas e superficiais em sites de busca. O acadêmico deve, portanto, procurar ter a leitura como uma experiência de aprendizagem, de autoaprendizagem, deve ser levado a compreender que os discursos são mais do que informações e que a superficialidade das postagens feitas em redes sociais não suscita o crescimento pessoal, tampouco seu amadurecimento enquanto pesquisador.

Dito isso, o phármakon moderno poderá destruir os jovens estudantes que se chegaram a ele de maneira desavisada, escondendo debaixo de suas vestes o rascunho do discurso com o objetivo de decorá-lo. Isso não basta. A necessidade do diálogo com a obra, de apropria-se de sua estrutura de forma crítica, dominando e questionando as bases históricas e psicossociais do gênero textual em tela e a consciência do caráter polissêmico do ato de ler devem servir de alicerces para o estudo.

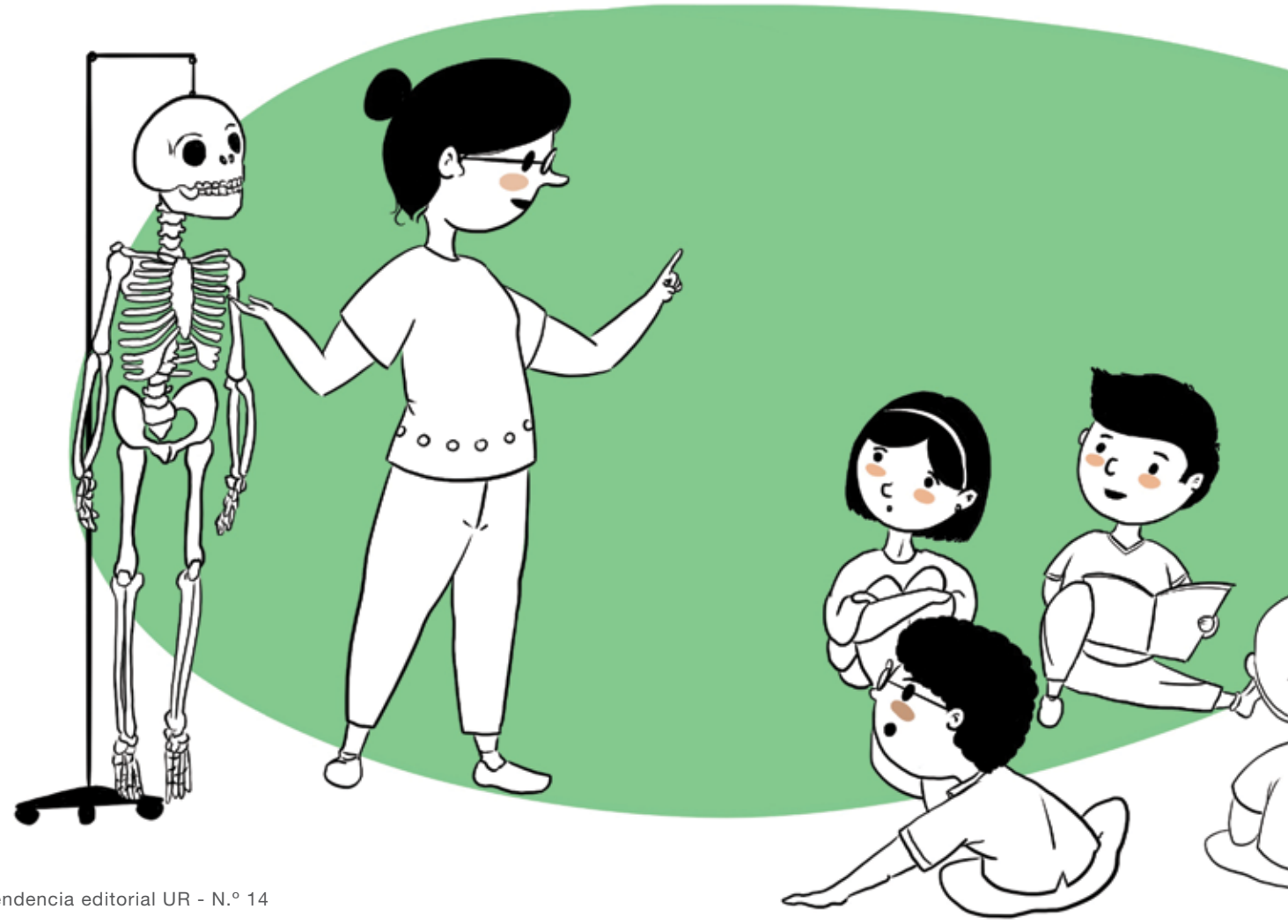
Referências

Derrida, J. (2005). *A farmácia de Platão* (Trad. Rogério da Costa). São Paulo: Iluminuras.

Platão. (1997). *Fedro* (Trad. Manuel Pulquério e Maria Teresa Schiappa de Azevedo). Lisboa: Edições 70.

Reflexión sobre la diversidad lingüística

en un mismo contexto situacional y su incidencia en el fracaso escolar



La lengua, como sistema de comunicación, es el eje de la vida social, común a todas las culturas. El aprendizaje de la lengua supone la puerta de acceso a los demás ámbitos culturales y la ampliación de nuestras posibilidades de relación, participación y comunicación.

Mª del Carmen Ayora Esteban

Profesora titular del Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura, Facultad de Educación, Economía y Tecnología, Campus de Ceuta, Universidad de Granada, España

Corrreo electrónico: mcayora@ugr.es

Asimismo, la lengua constituye la base de la formación integral del alumno, pues es el instrumento mediante el cual organizamos nuestro pensamiento, y también desde esta idea podemos establecer una relación clara entre mala estructuración del lenguaje y fracaso escolar.

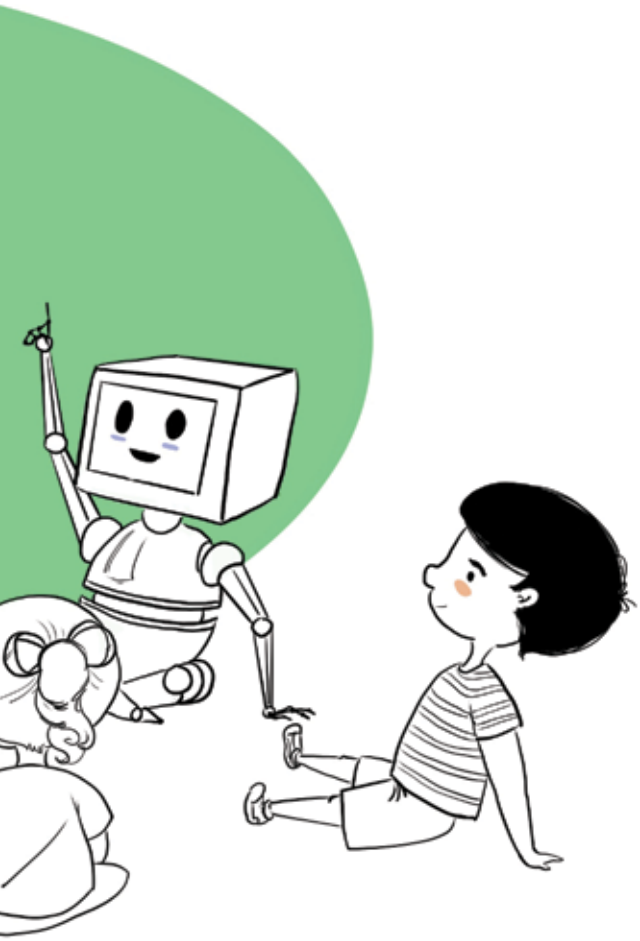
Por otro lado, la lengua es objeto de estudio en sí misma. Es una materia con un corpus teórico importante que define las formas y las relaciones de un código. El grado de adquisición de este código nos informa del grado de competencia lingüística. Saber cómo utilizar ese código, en qué situaciones y para qué funciones, nos indica el grado de competencia comunicativa del usuario. De ahí que hoy en día la enseñanza de lenguas se dirija hacia un cambio metodológico relacionado con la citada concepción de competencia comunicativa propuesta, entre otros, por Hymes (1972) y Canale y Swain (1980).

Para conseguir una adecuada competencia comunicativa, entre otras muchas cosas, la enseñanza de la lengua no puede separarse del marco sociocultural en la que se produce. Queda lejos de la realidad el concepto de lingüística, concretado en el estructuralismo y generativismo, que nos presenta la lengua como algo unitario y sistemático, y a sus hablantes como iguales ante su uso (cfr. Tusón, 1991, p. 51). Lo cierto es que el desarrollo de la capacidad comunicativa que todos los hablantes poseemos, y los usos que hacemos de esa capacidad, son muy diversos.

Esta premisa se ha puesto de manifiesto a partir de otras ciencias del lenguaje, como la sociolingüística y la sociología del lenguaje, al evidenciar la diversidad casi infinita de usos geográficos, sociales, funcionales e individuales de cada lengua, además de la dificultad que entraña la convivencia entre dos o más lenguas y culturas en un mismo contexto.

Hoy en día surgen nuevos planteamientos a la hora de abordar el hecho lingüístico, porque inciden cada vez más en la heterogeneidad de su uso en contextos sociales (Moreno, 1998): la variación lingüística no se concibe ya como algo asistemático e individual, sino como un hecho inherente al uso lingüístico, ya que, al igual que la sociedad, no es homogénea (existen distintos grupos, clases o etnias) y también habrá diversas lenguas y modalidades lingüísticas, diversos estilos, registros y variedades.

Por otra parte, otras ciencias lingüísticas, como la etnografía de la comunicación, han convertido en objeto de su interés las interacciones que se producen en contextos de enseñanza y han constatado que los usos lingüísticos están en estrecha relación con los contextos sociales en los que estos se realizan, por lo que es necesario que la enseñanza lingüística contemple dichos contextos, con el fin de que los escolares desarrollen las



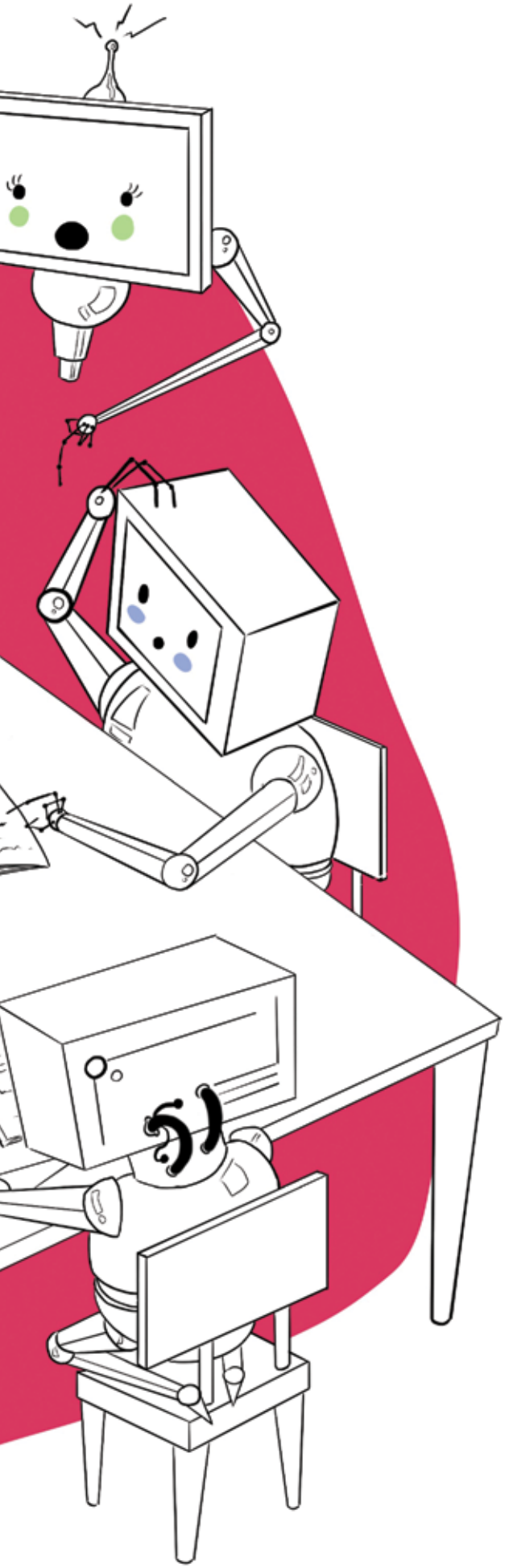
estrategias necesarias para adecuar en cada momento sus usos lingüísticos al contexto y a la situación de comunicación.

Como profesionales que trabajamos en la formación del profesorado en el área de Didáctica de la Lengua en la Facultad de Educación de Ceuta (ciudad española fronteriza con Marruecos), estamos teniendo muy en cuenta la heterogeneidad referida, ya que nos preocupa la circunstancia de los futuros maestros en aulas con un elevado número de alumnos que pertenecen a otra cultura, muy diferente, y que no domina el español, es decir, nos encontramos en una situación de *contacto de lenguas* y nos vemos obligados a tomar posición en el entramado que se nos dibuja en este tipo de contextos (cfr. Ayora, 1999, 2008).

Ya hemos adelantado la íntima relación de las deficiencias en el dominio de la lengua con el fracaso escolar. Un informe elaborado por Marchesi (2003) afirma que entre los principales problemas que provocan el fracaso escolar en España se encuentra "un alto porcentaje de alumnos inmigrantes con bajo nivel académico o desconocimiento de la lengua habitual del entorno" (p. 39).

En líneas generales, si analizamos el habla de este colectivo de nuestra ciudad procedente de una cultura diferente y destinatario de nuestra acción educativa, observamos varios fenómenos que afectan a la lengua (Ayora, 2010):

- Una adquisición empírica de la lengua española que conlleva problemas de todo tipo: deficiencias fonéticas y gramaticales, diglosias, pobreza de léxico, etc. En consecuencia, no se lee de manera correcta, no hay expresión oral con soltura y seguridad y no se refleja, a través de la escritura, las estructuras más simples, puesto que la estructura de su lengua es totalmente diferente, al ser de raíz semítica. Durante el aprendizaje, el hablante de *dariya* (dialecto del árabe) produce un tipo de lengua con bastantes fenómenos asociados al contacto de lenguas: transferencia de estructuras de su lengua materna, generalización de las estructuras de la lengua que están aprendiendo, expresión de significados utilizando palabras y construcciones que ya conocen (estrategia comunicativa), mezcla de códigos, etc. En definitiva, la lengua que emplean no se corresponde ni con la lengua materna ni con la lengua meta, sino que forman un sistema inherentemente variable que cuenta con sus propias reglas. Por lo regular, son enunciados que muestran el influjo de la lengua materna del hablante, habitualmente considerados erróneos, pero que son comprensibles, por lo que no atentan contra la comunicación.
- La utilización en ámbitos familiares y privados de su lengua materna. Este grupo, además de otros elementos de su cultura y de sus vivencias que comparte con el grupo social para moverse en él, utiliza cada vez más su dialecto como protección y defensa frente al español y, sobre



todo, como símbolo indispensable para la conservación de su identidad cultural y religiosa.

- La condición socioeconómica de este grupo. En líneas generales, por sus particulares dificultades laborales y económicas, fácilmente tienden a constituirse en grupos de marginalidad.

Consideramos los factores sociales, así como el cultural y, por supuesto, el lingüístico, como las causas fundamentales de dicho fracaso escolar. Por lo tanto, ante esta circunstancia, debemos darle prioridad al concepto de enseñanza como comunicación frente al concepto de enseñanza como formación o, lo que es lo mismo, la adquisición de la competencia comunicativa, en primer lugar —conjunto de reglas sociales, culturales y psicológicas que permiten que los hablantes de una comunidad lingüística puedan entenderse— y el desarrollo de la competencia lingüística del alumno, en segundo lugar —conocimientos teóricos acerca de la estructura de la lengua y las relaciones de sus unidades—.

Podemos preguntarnos qué competencia intercultural enseñar y si en nuestro ámbito es posible. Como constatamos, la cosa no es fácil y a veces se complica dar respuesta a tantos interrogantes que se generan ante esta situación de un alumnado que, en su mayoría, llega a las aulas ceutíes con una lengua materna distinta a la española.

En nuestra opinión, hay que plantearse una serie de objetivos y modelos de actuación, estrategias organizativas y evaluadoras para solventar los problemas citados y que estos alumnos no se conviertan en analfabetos funcionales.

Como se puede comprobar, la situación a la que se enfrenta la escuela es delicada y podemos considerarla un gran reto que se debe superar con éxito, ya que la escuela es el lugar idóneo para que se den aprendizajes de todo tipo, incluyendo la convivencia, el respeto y la tolerancia.

La planificación lingüística en entornos de lenguas en contacto debe tener en cuenta la situación descrita, así como las actitudes lingüísticas, y debe considerar el hecho de que los hablantes de otra lengua materna distinta a la española no tienen una competencia lingüística en todas las destrezas comunicativas. La educación lingüística tiene que asumir la tarea de intentar compensar, en la medida de lo posible, el déficit de capital lingüístico y cultural de las etnias socialmente desfavorecidas en un mercado en el que el origen de las personas condiciona su diferente acceso a los bienes lingüísticos (cfr. Bourdieu, 1985).

Por todo lo expuesto, la enseñanza de la lengua ha de situarse en una perspectiva claramente sociológica y cultural, que dé cabida a la diversidad de culturas y lenguas como factores enriquecedores, cuestión que hace más difícil la tarea de enseñar. Pero, al mismo tiempo, lo que es más importante, debe intentar conjugar el respeto a las variedades de origen con la conciencia de que es necesario aprender aquellas lenguas y usos

que tienen más utilidad en el mercado de los intercambios comunicativos y en el contexto social y escolar.

Referencias

Ayora, M.ª C. (1999). Algunas consideraciones sobre la enseñanza del español en una comunidad bilingüe: los escolares musulmanes de Ceuta. *Humanística* (11), 109-117.

Ayora, M.ª C. (2008). La situación sociolingüística de Ceuta: un caso de lenguas en contacto. *Tonos* (*Revista Electrónica de Estudios Filológicos*) (16). Recuperado de https://www.um.es/tonos-digital/znum16/secciones/tritonos1-Ceuta.htm

Ayora, M.ª C. (2010). Diversidad lingüística y cultural en un ámbito educativo de lenguas en contacto. *Pragmalingüística* (18). 30-52. Recuperado de https://revistas.uca.es/index.php/pragma/article/view/203

Bourdieu, P. (1985). *¿Qué significa hablar?: Economía de los intercambios lingüísticos.* Madrid: Akal.

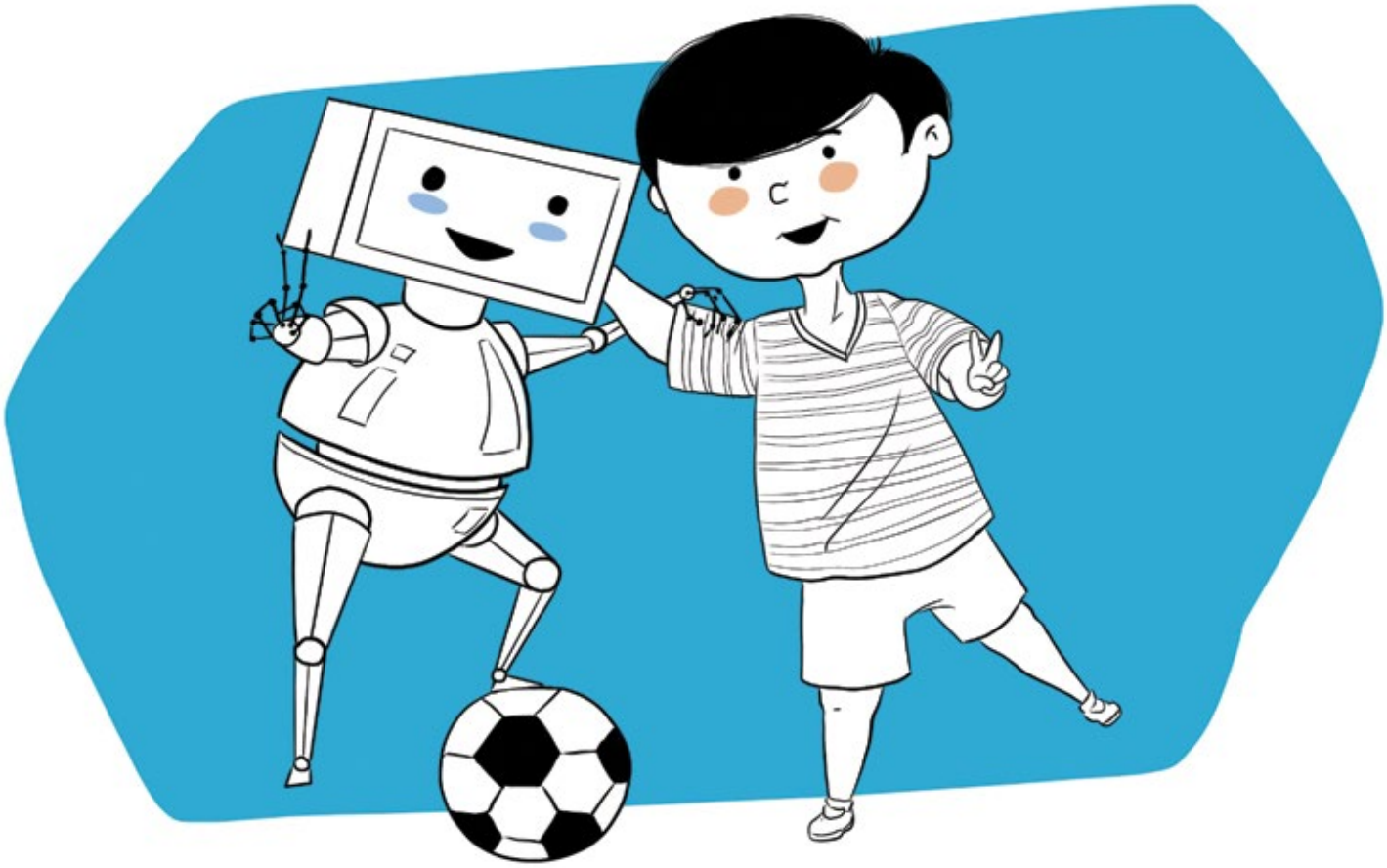
Canale, M. y Swain, M. (1980). Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, *1*(1), 1-47.

Hymes, D. H. (1972). On communicative competence. En J. B. Pride y J. Holmes (Eds.), *Sociolinguistics* (pp. 269-293). Harmondsworth: Penguin.

Marchesi, A. (2003). *El fracaso escolar en España.* Madrid: Fundación Alternativas.

Moreno, F. (1998). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.* Barcelona: Ariel.

Tusón, A. (1991). Iguales ante la lengua, desiguales ante el uso: bases sociolingüísticas para el desarrollo discursivo. *Signos. Teoría y Práctica de la Educación* (2), 50-59.



Universidad Veracruzana

Feria Internacional del Libro Universitario FILU 2019

País invitado: Colombia

Foro Académico:

Travesías por el saber y la paz

Del 5 al 14 de abril

Complejo Deportivo Omega Xalapa, Veracruz

www.uv.mx/filu/ | FILU UV | @FILU_UV | filu_uv

Universidad Veracruzana

Universidad del Rosario

El mundo atlántico español durante el siglo XVIII.
Guerra y reformas borbónicas, 1713-1796

Allan J. Kuethe y Kenneth J. Andrien (Traducción de Lourdes Ramos Kuethe)
Páginas: 506
ISBN: 978-958-784-111-4
PVP: Por definir
ISBNe: 978-958-784-112-1

Los olvidados de la paz

Freddy Eduardo Cante Maldonado y Hugo Eduardo Ramírez Arcos (editores académicos)
Páginas: 386
ISBN: 978-958-784-094-0
PVP: USD $23.33
ISBNe: 978-958-784-095-7
E-book: Por definir

¿Qué hacer con el tierrero?
Tierra, territorio y paz sostenible

Francisco Gutiérrez Sanín (Editor académico)
Páginas: 222
ISBN: 978-958-784-076-6
PVP: USD $14
ISBNe: 978-958-784-077-3
E-book: USD $6.63

Universidad de Guadalajara

Instrucciones para contagiar la ciencia

Diego Golombek
Juan Nepote
Páginas: 184
ISBN: Pendiente
PVP: USD $11
E-book: USD $9

Que besa su mano…
Correspondencia de mujeres a religiosos franciscanos en el siglo XIX

Lourdes Celina Vázquez Parada
Páginas: 176
ISBN: Pendiente
PVP: USD $16
E-book: USD $13

Piensa y trabaja
A 90 años de la refundación de la Universidad de Guadalajara

Juan Real Ledezma, Ernesto Villarruel Alvarad
Páginas: 240
ISBN: 978-607-742-268-6
PVP: USD $23

Universidad Veracruzana

Historia trágico-marítima

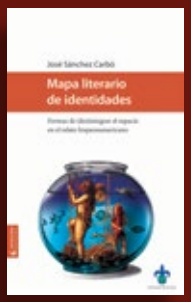
Bernardo Gomes de Brito
Páginas: 268
ISBN: 978-607-502-691-6
PVP: USD $6.9

Local del mundo.
Civismo de Babel

Adolfo Castañón
Páginas: 224
ISBN: 978-607-502-646-6
PVP: USD $5.5
ISBNe: 978-607-502-673-3
E-book: $3 dólares

Local del mundo.
Cuadernos del calígrafo

Adolfo Castañón
Páginas: 176
ISBN: 978-607-502-647-3
PVP: USD $5.5



Mapa literario de identidades

José Sánchez Carbó
Páginas: 208
ISBN: 978-607-502-675-6
PVP: USD $7.8

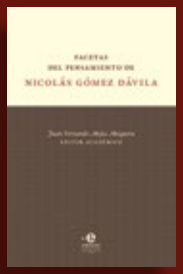
Pontificia Universidad Javeriana

Ciencia, lengua y cultura nacional.
La transferencia de la ciencia del lenguaje en Colombia, 1867-1911

Andrés Jiménez Ángel
ISBN: 978-958-781-237-4
PVP: USD $17.50

Finanza empresarial.
Estrategia, mercados y negocios estructurados

Roberto Albisetti
ISBN: 978-958-781-190-2
PVP: USD $20.00
ISBNe: 978-958-781-191-9
E-book: USD $9.99



Facetas del pensamiento de Nicolás Gómez Dávila

Juan Fernando Mejía Mosquera (Editor académico)
ISBN: 978-958-781-227-5
PVP: USD $18.50